

CAMILA CHRISTIAN QUINTANA LEÃO

Enrolado na Raiz

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social – Jornalismo

Novembro de 2015

CAMILA CHRISTIAN QUINTANA LEÃO

Enrolado na Raiz

Projeto experimental apresentado ao curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a Mariana Lopes Bretas

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social – Jornalismo

Novembro de 2015



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Projeto Experimental intitulado *Enrolado na Raiz*, de autoria da estudante Camila Christian Quintana Leão, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Mariana Lopes Bretas – Orientadora

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Profa. Kelly Scoralick

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Profa. Dra. Maria Isabel de Jesus Chrysostomo

Curso de Geografia da UFV

Viçosa, 20 de novembro de 2015

AGRADECIMENTOS

Deixo aqui registrado todo o meu respeito e gratidão a todas as mulheres que compartilharam comigo um pouco de sua intimidade e história. Foram momentos de muito aprendizado.

Agradeço à Raissa Rosa pela amizade e parceria imbatível, à Franci Silva pelas orientações esclarecedoras, à Simone Moraes pela hospedagem e camaradagem, à Alice Martins pelas transcrições das entrevistas sem as quais este trabalho não se desenvolveria. À minha vó Zezé pelas orações e pelo suporte. À minha mãe por sempre me apoiar me ajudando a me manter forte perante meus objetivos. A todos os amigos e familiares pelo carinho, boas vibrações, e à todas e todos que somaram a alguma forma para realização deste trabalho, meu muito obrigada!

RESUMO

O projeto experimental Enrolado na Raiz é um videodocumentário produzido como trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. O documentário trata sobre racismo a partir da percepção e experiências de mulheres pretas e mestiças de realidades distintas, e da relação que essas mulheres tem com seus próprios cabelos como reflexo do racismo presente em nossa sociedade. Como suporte teórico adotei pesquisadores do gênero documentário e autores que tratam de relações raciais, de gênero e história da beleza negra. Em relação a metodologia, adotei a pesquisa bibliográfica, entrevistas, elaboração do roteiro e edição do documentário.

PALAVRAS-CHAVES: Racismo; Cabelo; Mulheres Negras; Gênero.

ABSTRACT

The experimental project Wrapped in Root is a video documentary produced as a work of Course of Social Communication / Journalism from the Federal University of Viçosa. The documentary deals with racism from the perception and experiences of black and mestizo women of different realities and the relationship that these women have with their own hair, because of this racism in our society. As theoretical support researchers adopted the documentary genre and authors dealing with race relations, gender and history of black beauty. Regarding the methodology, I adopted the literature review, interviews, drafting the script and editing of the documentary.

KEY WORDS: Racism; Hair; Black; Women; Genre.

Na Raiz do Insondável
Cristiane Sobral

Todos os dias afirmo as minhas raízes
Nas palmas meio rosadas das minhas mãos
Na sola dos pés
Estão os traços nunca revelados

Todos os dias amanheço
Diante de uma fragmentada diáspora
Que o sistema distorceu e apagou
Imagem sem espelho
Feição sem semelhante
De origem envolta na raiz do insondável

Por não pertencer a ninguém
Falo para todo mundo
Por não ter pouso certo
Sempre vou ao fundo
Na raiz das coisas

Todos os dias sigo
A desafiar insondáveis mistérios
Pareço com todo mundo
Pareço comigo mesma
Tenho a cara de um povo
Que nasce do jeito que pode

Todos os dias
Envolta numa fina película transparente
Minha alma deseja tocar o coração do mundo
De forma a revelar as luzes do universo

Sigo a interpretar os meus mistérios.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO 1: DESCONSTRUINDO O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL....	11
CAPÍTULO 2: “Meninas Negras não brincam com bonecas pretas”	15
CAPÍTULO3: RELATÓRICO TÉCNICO-METODOLÓGICO.....	19
3.1. Pré- Produção.....	20
3.2. Produção.....	21
3.2.1. Apresentação das Personagens.....	22
3.3.Pós-Produção.....	25
Cronograma e Orçamento.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29
ANEXOS	31

Introdução

Em setembro de 2012, nasce no bairro Sagrado Coração de Jesus, conhecido na cidade de Viçosa/MG como Rebenta Rabicho, a Casa Cultural do Morro, fundada pelas discentes da Universidade Federal de Viçosa, Raissa Rosa e Ana Luísa Figueiredo. O Rebenta Rabicho é uma comunidade localizada na área central da cidade de Viçosa, sendo composto por muitos becos, morros e vielas. Raissa que é estudante do curso de Ciências Sociais e moradora do bairro, observando a vulnerabilidade econômica e social a que estavam sujeitas as crianças da comunidade, com pouco acesso à cultura, a educação de qualidade e expostas à criminalidade, juntou-se a Ana Luísa, estudante de Arquitetura e Urbanismo, para criar a Casa Cultural com o objetivo de preencher o tempo das crianças com atividades culturais e educativas. A Casa foi crescendo, ganhando voluntários e diferentes projetos foram sendo desenvolvidos, sendo que em junho de 2014 a Casa Cultural do Morro foi reconhecida pela prefeitura municipal de Viçosa como utilidade pública para a cidade.

Grande parte das meninas de sua comunidade, a maioria delas negras e de cabelo crespo ou cacheado, enfrentava problemas de autoestima e tinham os cabelos quimicamente tratados. Raissa Rosa, baseando-se na Lei 10.639/03, que estabelece como obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira em todas as escolas públicas e particulares do país, em junho de 2013, criou o Pérolas Negras e passou a desenvolvê-lo na Casa Cultural do Morro, tendo com público alvo meninas com idade de 07 a 15 anos. Uma vez que se verifica a desvalorização da imagem e da história dos negros na sociedade brasileira, em especial das mulheres negras, o projeto consiste em trabalhar a autoestima de meninas e mulheres negras, valorizando a beleza e os cabelos afrodescendentes, estimulando o empoderamento político e social dessas mulheres.

Em agosto de 2013, conheci a Casa Cultural e os projetos lá desenvolvidos, passei a ser voluntária e acabei me tornando parte do Pérolas Negras. Desde então, junto à Raissa, tive a oportunidade de ministrar oficinas sobre racismo e valorização da estética e das raízes afro-brasileiras em diferentes lugares do país. Passamos por comunidades remanescente de quilombo, Escolas Família Agrícola (EFAs), escolas públicas, rurais, urbanas, ribeirinhas e de comunidades periféricas. Pelos locais onde passamos era sempre comum encontrar meninas e mulheres negras de diversas faixas etárias, com baixa autoestima, muitas vezes se achando feias e insatisfeitas com seus cabelos.

Observando como as participantes das oficinas Pérolas Negras cuidavam de seus cabelos, percebe-se que a maioria delas usa, ou já usaram algum tipo de produto químico, ou outro método para alisá-los. Um dos questionamentos que trazemos para reflexão durante as oficinas é: “Por que você alisou o seu cabelo? ”. E a partir de respostas como: “porque ele é feio! ”, ou, “porque ele é ruim! ”, é que começamos a desconstruir o ideal de beleza euro-centrado que costuma permear o imaginário de muitas dessas garotas. Então, abrimos as portas para o principal objetivo do Pérolas que é discutir sobre racismo, machismo e o lugar que as mulheres negras têm ocupado ao longo do tempo na sociedade em que vivemos. Durante mais de dois anos, realizando este trabalho educativo através do projeto, pude observar que a relação que a maioria das meninas tem ou já teve com seus próprios cabelos é um ponto de identificação entre elas. A partir desta identificação coletiva inicial que alcança pretas, pardas, crespas e cacheadas, é que conseguimos, através da socialização de experiências pessoais, identificar um sistema que oprime todas as mulheres de diferentes formas, a depender das especificidades de cada uma. Assim como é apontado pelo princípio da interseccionalidade que

trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (CRENSHAW, 2002 apud IPEA, 2013. p.54).

No contexto onde “a inserção social de uma mulher negra perpassa dois conjuntos de condicionantes que subordinam sua posição no espectro social: ser mulher e ser negra” (IPEA, 2013, p.82) e em um cenário que historicamente desfavoreceu, e ainda continua mantendo essa classe numa posição desprivilegiada socialmente, surgiu a ideia de realizar um documentário como Trabalho de Conclusão de Curso. Ao entender os fios crespos e cacheados como uma marca do povo negro e identificar a rejeição que os mesmos têm com seus fios encaracolados como manifestação do racismo, o cabelo foi o objeto de estudo escolhido para o desenvolvimento do documentário. O processo de alisamento dos cabelos é um ritual comum na vida de grande parte das mulheres negras e esse projeto surge com o objetivo de mostrar, através da fala e da vivência de diferentes mulheres negras, como o racismo e outros sistemas de opressão interferem em nossas vidas.

Através do vídeodocumentário pretende-se dar voz e visibilidade a uma classe historicamente marginalizada. Entendendo o documentário como uma “produção audiovisual que registra fato, personagens, situações que tenham como suporte o mundo

real e como protagonistas os próprios “sujeitos” da ação ” (LUCENA, 2012, p.11), optei por entrevistar apenas mulheres negras, pedindo para que elas contassem sobre suas próprias experiências com o racismo. De forma que eu pudesse construir uma narrativa em que elas falassem delas mesmas, pautando questões que afligem grande parte das mulheres negras brasileiras. Pois

os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões (fílmicas) do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social (NICHOLS, 2001, p.27).

Ao compartilharem suas memórias e suas experiências de vida num documentário, passam a ser representados os pontos de vista dessas mulheres sobre o mundo que as cerca. O que torna o documentário um importante instrumento pelo qual as classes marginalizadas têm a oportunidade de se expressarem e serem ouvidas.

A população negra brasileira é formada por pretos e pardos. De acordo com pesquisas realizadas pelo Ipea em 1995, 44,9% da população se autodeclarou negra e em 2009 esse percentual subiu para 51,1%. Segundo (SOARES apud Ipea), esse aumento da população negra ocorreu não por um aumento na taxa de fecundidade, e sim por uma modificação na forma como as pessoas se percebem e se autodeclararam. Segundo a pesquisa de 2009, 52% dos homens se declararam negros e 47%, brancos; entre as mulheres esse dado foi de 49,9% negras e 49,3% de brancas. A publicação *Retrato das desigualdades de gênero e raça* ilustra a través de pesquisas realizadas pelo Ipea que no Brasil “ainda persistem padrões diferenciados de participação na educação e no mercado de trabalho que afetam de forma específica as mulheres, os negros e, em especial, as mulheres negras”. (IPEA, 2013, p.54). Portanto, esse documentário implica em abordar questões sociais que envolvem estas mulheres.

CAPÍTULO 1: DESCONSTRUINDO O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

A sociedade brasileira é conhecida por sua diversidade étnica e cultural e já foi considerada a primeira democracia racial do mundo. Nesse contexto, cultivou-se por muito tempo o mito da democracia racial, que ainda persiste no imaginário de alguns que passam desatentos pela história de nosso país. Dessa forma, a maioria dos pensadores brasileiros influenciados pelo determinismo biológico do fim do século XIX e do início do século XX “acreditavam na inferioridade das raças não brancas, sobretudo a negra, e na degenerescência do mestiço” (MUNANGA, 2004, p.55).

Com o objetivo de construir uma identidade nacional foram formuladas teorias que interpretavam a miscigenação racial a partir da superioridade dos brancos sobre índios e negros, e na superioridade dos índios em relação aos negros. Desse modo,

Todos os ensaístas brasileiros da época, entre os quais Sílvio Romero e Euclides da Cunha, aderiram ao conceito de raças superiores e inferiores. Em ambos, o racismo foi mitigado pela ideia de miscigenação: em Sílvio Romero, haveria branqueamento da população, salvando-se da degeneração; em Euclides da Cunha, o mestiço do interior do Norte já estaria se constituindo em raça e, futuramente, seria capaz de desenvolvimento mental. Em ambos não seria errado falar em preconceito, principalmente contra o negro, mais nítido, talvez, em Euclides, pois este, ao falar no seu mestiço privilegiado do Sertão, considerava-o resultante de um cruzamento do branco com índio, e não com o negro localizado no litoral (MUNANGA, 2004, p.65).

Assim, mesmo que, desde a década de 1950, pesquisadores e ativistas buscassem demonstrar as desigualdades raciais e que a ideia de democracia racial não passava de um mito,

o termo “racismo” foi introduzido no Brasil apenas ao final dos anos 1970, período em que se constitui nova organização do movimento negro: o Movimento Negro Unificado. Foi em 1995 que o governo brasileiro reconheceu, pela primeira vez, que o país é estruturalmente racista, tendo assumido sua dívida histórica para com os negros. (SILVA, ROSEMBERG, 2008, p.79)

Nesse sentido, é importante ressaltar que a abolição da escravidão foi um processo doloroso pelo qual os negros tiveram que passar. Pois, mesmo depois de libertos, acabaram caindo no mercado de trabalho num contexto em que a concorrência era desleal, o que os obrigava a ocupar trabalhos marginalizados para conseguirem a subsistência. Desse modo, o racismo sofrido pelos ex-escravizados e seus descendentes foi estruturado pelo governo e institucionalizado ao longo do tempo. Como pode ser observado por exemplo, na política estatal paulistana adotada um ano após a abolição. Em que o governo

do Estado firmou um pacto com os proprietários rurais para investir na imigração europeia como mão de obra. Tal pacto deixou os negros recém libertos numa posição completamente desfavorável.

Após mais de três séculos de escravidão, o Estado brasileiro não emitiu nenhuma providência que procurasse integrar os negros à sociedade. Ao contrário disso, a abolição foi um processo de descarte de mão de obra negra que começou em 1850 com a proibição do tráfico transatlântico de escravos, prosseguiu com a Lei do Ventre Livre em 1871 que libertava os filhos de escravas nascidos a partir da data da lei. Em 1885, a Lei dos Sexagenários ironicamente liberta os escravos com mais de sessenta e cinco anos, sendo que poucos deles chegavam aos sessenta. E, finalmente, em 13 de maio de 1888 a princesa Isabel assinou a Lei Áurea que dava liberdade a todos os escravos. No entanto, abandonados à própria sorte, muitos preferiam continuar trabalhando com seus senhores, já que a vida em liberdade não lhes dava nenhuma garantia, se não ocupar espaços periféricos e marginais. Nesse sentido,

Entre os negros, os que figuravam como maioria na periferia do empoderamento econômico e social, crescia o número de mães solteiras, desempregados, debilitados pelo vício no álcool, praticantes da prostituição e da criminalidade, um triste fenômeno que causou durante séculos – e ainda causa – terríveis distorções associadas à pele escura (MORAES, 2013, p.20).

Dessa maneira, é possível afirmar que tal fenômeno contribuiu com a afirmação de estereótipos atribuídos aos negros e com a propagação de pensamentos racistas. Outro fato que mostra o racismo no âmbito das instituições do país, ocorreu durante a Ditadura Militar. Em prol da manutenção da ideia de democracia racial, o Regime ocultou informações sobre as desigualdades e especificidades do povo brasileiro.

Para isso, retirou do sistema oficial de informações dados sobre a cor dos indivíduos. Desta maneira, o Censo de 1970 ficou sem o quesito cor, impedindo a verificação oficial de desigualdades registradas nos Censos anteriores (1940, 1950 e 1960). No entanto, em 1976, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad/IBGE) trouxe informações preciosíssimas a respeito de nossa “compleição racial”, a mais significativa delas materializada na lista que levantou 135 cores de pele de acordo com a própria auto identificação do entrevistado (morena escura, bem morena, morena fechada, morena roxa e morena canelada foram algumas para definir a tez escura). O resultado da pesquisa, porém, permaneceu sem divulgação durante quase dez anos por conta de seu potencial poder desmistificador, sendo publicado apenas em 1985 (MORAES, 2013, p.24).

Como pode ser observado na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios realizada em 1976, a miscigenação brasileira resultou numa grande variedade de tons de pele e numa pluralidade de mestiços que carregam características físicas de povos de todas as raças. Da mesma forma as tensões raciais também ganharam categorias. As figuras do mulato, mestiço, pardo, moreno, moreninho, cor de café com leite e outras denominações surgem como alternativas intermediárias de classificações raciais que não denotam necessariamente origem africana.

Nesse sentido, seguindo a lógica da superioridade da raça branca sobre a indígena e a negra, defendida por escritores, filósofos e cientistas ao longo do século XIX, o racismo sofrido no Brasil é proporcional a quantidade de características físicas da raça inferior que o indivíduo vítima do preconceito apresenta. O que Oracy Nogueira denomina como Preconceito de Marca. Segundo o autor, onde o preconceito é de marca, como no Brasil, a discriminação é proporcional aos traços físicos negroides do indivíduo (cabelo crespo, nariz largo, lábios grossos, etc.), e também perpassa pelas habilidades, educação e classe econômica do sujeito. Onde o preconceito é de origem, como é o caso dos Estados Unidos, as restrições se mantêm independentemente de condições pessoais ou traços físicos, basta ter alguma ascendência no grupo discriminado. Mesmo que um indivíduo mestiço seja fenotipicamente branco, ele não será incorporado a este grupo. Diferente do que acontece no Brasil onde

o limiar entre o tipo que se atribui ao grupo discriminador e o que se atribui ao grupo discriminado é indefinido, variando subjetivamente, tanto em função dos característicos de quem observa como dos de quem está sendo julgado, bem como, ainda em função da atitude (relações de amizade, deferência etc.) de quem observa em relação a quem está sendo o identificado, estando, porém, a amplitude de variação dos julgamentos, em qualquer caso, limitada pela impressão de ridículo ou de absurdo que implicará uma insofismável discrepância entre a aparência de um indivíduo e a identificação que ele próprio faz de si ou que outros lhe atribuem. (NOGUEIRA. 2006, p.293)

Desse modo, a depender da situação e dos sujeitos envolvidos na ocasião, no Brasil um indivíduo mestiço pode se passar por branco ou não. Inseridos numa sociedade onde privilégios geralmente são distribuídos de acordo com o tom de pele, de forma que “a probabilidade de ascensão social está na razão inversa da intensidade das marcas que o indivíduo é portador” (NOGUEIRA. 2006, p.303), pode se dizer justificável a intenção ou o desejo de se branquear. “Basta dizer que o cabelo e o tom de pele eram critérios que estabeleciam a classificação do escravo no interior do sistema, definindo suas atribuições

e atividades ” (BRAGA. 2015, p.84). Assim, tentar se aproximar do padrão de beleza do grupo dominante estava relacionado a busca por um status social.

CAPÍTULO 2: “Meninas Negras não brincam com bonecas pretas”

Entre os séculos XV e XIX estima-se que foram trazidos na condição de escravizados ao Brasil, cerca de quatro milhões de homens e mulheres de diversas populações africanas. Entre os negros e negras trazidos para trabalhar na colônia, estavam

técnicos em trabalhos de metal, ferro; negros capazes de cuidar do gado, da indústria pastoril; comerciantes de pano, sabão, entre outros, trouxemos, também mulheres que serviam de “amigas”, “mancebas” ou “caseiras” aos colonos sem mulher branca. (BRAGA, 2015. p.67)

As mulheres escravizadas sofreram com a exploração de seu trabalho e de seu sexo, sendo que, segundo Nascimento (1978 apud MUNANGA, 2004 p.98), as mulheres negras foram as mais prejudicadas pela estrutura patriarcal de família herdada de Portugal. Pois a junção do desequilíbrio demográfico entre os sexos e a relação de subordinação entre escravos e senhores, durante a escravidão, “levou os últimos a um monopólio sexual das poucas mulheres existentes.” As mulheres negras foram força de trabalho importantíssima dentro e fora das casas-grandes.

Desde que chegaram ao Novo Mundo, as africanas e suas descendentes atuaram de modo determinante nos grandes ciclos econômicos do açúcar, do ouro e do café. Estiveram presentes nas fábricas desde o início da industrialização do país, e também foram as principais protagonistas no trabalho doméstico e na implantação do comércio ambulante. (SCHUMAHER; VITAL BRAZIL, 2007 p.229)

No entanto, dados da última pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) evidenciam que o nosso país ainda está bem longe de ser uma democracia racial. Os resultados de pesquisa deixam explícito também que a união do racismo e do sexismo atingem de forma característica as mulheres negras, mantendo-as na base da pirâmide social e econômica. Sendo que as piores condições de renda são das famílias chefiadas por mulheres negras: entre estas, 69% possuíam, em 2009, renda familiar de até um salário mínimo; valor que, entre as brancas, era de 42,7%.

Assim como as posições sociais ocupadas pelas mulheres negras atualmente no Brasil, a relação que grande parte dessas mulheres tem com o próprio cabelo, pode ser observada como um reflexo da colonização portuguesa. Concordo com Bell Hooks quando ela afirma:

Dentro do patriarcado capitalista – o contexto social e político em que surge o costume entre os negros de alisarmos os nossos cabelos –, essa postura representa uma imitação da aparência do grupo branco dominante e, com frequência, indica um racismo interiorizado, um ódio a si mesmo que pode ser somado a uma baixa auto-estima (HOOKS, 2005. p.02).

Alisar os cabelos transformou-se praticamente num ritual passado de mãe para filha entre as mulheres pretas e pardas. Algumas meninas, ainda quando crianças, se acham feias e aguardam ansiosamente pelo momento em que seu cabelo será liso e balançará como o da mulher da TV. Outras meninas passam pelo processo de alisamento sem nem mesmo poder decidir, ou entender muito bem as razões pelas quais se deve passar por este processo, tendo apenas que aceitar a justificativa de que seu cabelo não é bom e deve ser modificado para se aproximar de um modelo ideal aceitável. Segundo (HOOKS, 2005. p.07) “As preferências individuais (estejam ou não enraizadas na autonegação) não podem escamotear a realidade em que nossa obsessão coletiva com alisar o cabelo negro reflete psicologicamente como opressão e impacto da colonização racista.”

Quando chegavam ao Brasil os escravizados tinham suas cabeças raspadas com a justificativa de que este era um processo higiênico. Mas “desde o surgimento da civilização africana, o estilo de cabelo tem sido usado para indicar o estado civil, a origem geográfica, a idade, a religião, a identidade étnica, a riqueza e a posição social das pessoas” (Gomes 2006 apud BRAGA, 2015, p.82). Portanto essa raspagem tinha o objetivo de suprimir qualquer sentimento de pertencimento étnico, e desde então, a manipulação do cabelo foi se transformando e sendo resinificada. “Nascia, aqui, um olhar sobre a estética que partia não de sua origem, de sua identidade, como antes, mas partia do olhar do outro ” (BRAGA, 2015, p.83). De forma que se aproximar do padrão de beleza do grupo dominante passa a significar a possibilidade de alcançar certo status social. Já que “os fenótipos manifestos na plástica dos seres se apresentam como marcas definidoras de espaços, posições e papéis a ocuparem” (COSTA, 2012 p.55). Isso fica explícito nos anúncios de jornais que circulavam nos princípios do século XIX. Onde escravos com características físicas próximas ao padrão dominante eram valorizados e preferidos principalmente para ocupar trabalhos domésticos.

Com o fim do regime escravocrata surgiram associações e recreativas afro-brasileiras como o Centro Cívico Palmares, que se posicionavam sobre a necessidade de se realizar de uma segunda abolição que integrasse os negros à sociedade. Neste contexto, passa a existir também uma imprensa negra que exercia um papel educativo a fim de

afastar dos negros os estereótipos que lhes foram atribuídos ao longo da história. No entanto, a educação pautada por essa imprensa era baseada nos bons costumes ligados à moral da época. Tratando-se de uma “reeducação da raça negra, no sentido de sua completa aculturação e distanciamento de suas origens africanas, a começar pela educação formal ” Guimarães (2002 apud BRAGA, 2015 p.87). Afim de desassociar a imagem da mulher negra do estereótipo de “mulata fácil e sexualmente insaciável”, eram promovidos através de vários jornais da época, concursos de beleza destinados apenas às mulheres negras. Em sua pesquisa, Amanda Braga flagrou em uma mesma publicação de jornal deste período, fotos em que eleitas do concurso de beleza possuem cabelo liso, e anúncios de salões de beleza “especialistas em cabelos de pessoas de cor” e com o título: “Cabelos lisos a 3\$000”. Ela denomina sintomático que esses anúncios apareçam num jornal escrito por negros e destinado aos mesmos.

As representações de mulher negra que foram sendo transmitidas pelos meios de comunicações ao longo do tempo contribuíram com a solidificação de estereótipos ligados a trabalhos subalternos e a sexualidade exagerada. Essa sub-representação, prejudica a construção de uma identidade negra afirmativa, que acaba lesada “pela negação da existência de preconceito de cor, invisibilidade dos negros ancorada numa identidade nacional mestiça, que minimiza uma pertença étnica e cultural afro-brasileira” (MACHADO, 2012, p.215). Desde a infância os afrodescendentes se deparam com a falta de representatividade nos meios de comunicação.

A TV brasileira praticamente não oferece a possibilidade de nossa criança afrodescendente ter modelos que promovam a sua autoestima, enquanto que as crianças brancas, especialmente as de padrão ariano, louras dos olhos claros, são hiper-representadas nos comerciais, nas telenovelas e nos filmes. O resultado é óbvio: enquanto a criança negra tem vergonha de sua negritude, de sua origem racial, porque cresce em um ambiente social e educacional de recusas que promovem uma autoestima negativa, a criança branca cresce super paparicada e com uma impressão de que é superior a todas as outras. Portanto, a sociedade - com o seu racismo - provoca distorções tanto nas crianças negras quanto nas crianças brancas. (Araújo 2007 apud Machado, 2012, p.227).

Além da representatividade equivocada na mídia, o racismo vai se manifestando desde a infância em diversos âmbitos da vida. Em casa, na rua, na escola, na universidade, no trabalho, em múltiplas situações que se repetem com diversas afro-brasileiras de diferentes lugares do Brasil diariamente. Ao entender e conseguir identificar o racismo em nossas vidas, percebemos que o fato de manter nossos cabelos alisados é só mais uma

das situações pelas quais nós acabamos nos submetendo por sermos mulheres negras em uma sociedade racista e sexista.

Assumir os cabelos de forma natural neste contexto é ser resistente ao arquétipo reproduzido e convencionado como “belo”. Essas mulheres, portanto, estão dizendo para a sociedade que as rejeitam, que não aceitarão mais a imposição de um único padrão estético, estão, assim, buscando conhecer sua história e suas origens, enfrentando o preconceito étnico de cabeça erguida, por que agora, elas sabem quem são e estão seguras de si. Essa tomada de decisão é o começo de uma reconstrução da autoestima pautada na real história e cultura dos povos africanos.

CAPÍTULO 3: RELATÓRIO TÉCNICO

Lucena (2012) descreve que a nossa vontade de documentar pode nascer de observações de nosso entorno, que mostram pequenas histórias e personagens que podem ser trabalhados em vídeo. Muitas foram as observações e situações que me levaram a realização deste trabalho. A começar pela participação no I Congresso Internacional sobre Pensamento das Mulheres Negras no Brasil e na Diáspora Africana, realizado em dezembro de 2014 na cidade de Salvador/BA. Neste evento, pude conhecer, aprender e trocar experiências com diversas mulheres negras presentes na Academia e receber um retorno positivo em relação ao trabalho desenvolvido pelas Pérolas Negras.

Em março de 2015, voltei a Salvador para participar do I Ciclo Internacional de Debates Sobre Gênero, Raça, Diversidade e contextos interculturais (CANDACES), realizado na Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Compareci também ao Xirê das Pretas, um encontro de mulheres afrodescendentes, promovido pelo Grupo Cultural e a Confraria de Oyá, com o objetivo de discutir sobre identidade, sexualidade, autoestima, promovendo espaços de vivências, trocas de saberes e possibilitando o protagonismo artístico e cultural relacionado a identidade racial, de gênero, orientação sexual e religiosa de matriz africana.

Participar destes eventos foi extremamente importante para conhecer pesquisadoras da área de gênero, identidade e relações raciais e para fortalecer minhas convicções sobre a pesquisa que passei a desenvolver, auxiliando em referenciais teóricos que usei para a concretização do documentário. Neste processo, conhecendo numerosas vivências de diversas mulheres negras, encontrei nas minhas memórias e nas de minha mãe experiências parecidas. Como quando no entorno de minha própria família e na escola, o formato do meu nariz e do meu cabelo eram motivo de piadas. Também através do Pérolas Negras, depois de mais de dois anos passando por diversos lugares, observei que meninas negras de uma escola ribeirinha no interior do Pará e meninas negras de uma escola pública dentro de uma comunidade periférica no Rio de Janeiro, mesmo vivendo em realidades distintas, experimentavam o racismo de forma parecida e acabavam passando a alisar os cabelos.

Durante a produção deste documentário, fui a Belo Horizonte dia 13 de maio participar da Marcha da Mulheres Negras de Minas Gerais contra o Racismo e a Violência

e pelo Bem Viver onde gravei a intervenção da integrante do grupo Mulheres em Chamas, Danielle Dos Anjos, recitando o poema Gritaram-me Negra de Victoria Santa Cruz, que introduz e encerra o filme.

3.1. Pré-Produção

Para (NICHOLS, 2012, p.205), “os documentários de questões sociais consideram as questões coletivas de uma perspectiva social. As pessoas recrutadas para o filme ilustram o assunto ou dão opinião sobre ele.” Daí a opção por entrevistar apenas mulheres negras.

Para a produção do filme, convidei a coordenadora do Pérolas Negras, aqui já citada, Raissa Rosa, que ficou responsável por identificar e estabelecer contato com as fontes, mas esse contato também foi se dando durante o desenvolvimento do documentário e entre uma entrevista e outra, conversando sobre os assuntos que eu gostaria de tratar no filme, as próprias mulheres já me indicavam outras fontes. Uma amostra dessa aproximação é, por exemplo, a que tive com a Simone Moraes que não só cedeu sua casa para nos hospedar durante nossa estadia em Salvador, como fez o contato e marcou nossa entrevista com várias outras mulheres.

3.2. Produção

Durante as três primeiras entrevistas realizadas em Salvador tinha disponível para realizar as gravações uma câmera Canon 700D, uma lente EF-S 3,5-5,6/18-55, um cartão de memória de 16 gigabytes, um tripé Velbon C-600, um microfone shotgun, Rode VIDEOMIC PRO e um gravador Sony ICD-PX312F. O que na pós-produção me fez optar pelo áudio do microfone, pois o áudio do gravador captou muitos ruídos. A partir da quarta entrevista, adquiri um microfone lapela Yoga EM-6 e passei a usá-lo conectado ao gravador, o que me possibilitou uma melhor qualidade do áudio.

Senti a necessidade de adicionar mais um cartão de memória de 16 gigabytes ao material de trabalho. As gravações foram realizadas com a fonte de iluminação disponível nas locações, que foram sugeridas e combinadas com as próprias entrevistadas, o que ocasionou uma falta de controle sobre do ambiente das locações. Durante algumas gravações a câmera gerou problemas, pelo o fato que o material aquecia e desligava,

entretanto, o trabalho não foi comprometido. Ressalto aqui, que optei em ir acompanhada pela Raissa para auxílio durante as gravações das entrevistas.

No desenvolver das entrevistas, a câmera foi posicionada em frente as entrevistadas que se apresentavam, contavam um pouco de sua vida, pontuando como o racismo esteve presente em suas biografias, procurei deixá-las à vontade, me mantendo o mais imparcial possível. As entrevistas seguiam uma estrutura cronológica onde elas falavam sobre a infância, a adolescência e a vida adulta. Quando percebia que estava faltando algo a ser dito, as indagava e procurava aprofundar mais em suas experiências pessoais. A delimitação dessas experiências foram o que posteriormente me orientou a construção do roteiro do filme.

No documentário, o roteiro pode ser um argumento amplo, porque, ao contrário dos filmes de ficção, em que o roteiro é a origem e a matriz do filme, nele tudo pode mudar conforme o desenvolvimento do tema e das filmagens. De qualquer maneira, o roteiro deve ser produzido com a preocupação de manter o público interessado ao longo do filme, precisando, por isso, ser bem estruturado e contar com um início, meio e fim. (LUCENA, 2012, p. 39-40)

3.2.1. Apresentação das personagens

Creuza Maria Oliveira: Começou a trabalhar como doméstica aos dez anos de idade e só iniciou seus estudos aos dezesseis. É Presidenta da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas (FENATRAD), integrante do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e mobilizadora do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas do Estado da Bahia. Recebeu o Prêmio Direitos Humanos em 2011 e o Diploma Bertha Luz, que agracia mulheres que tenham oferecido relevante contribuição na defesa dos direitos da mulher e questões do gênero no Brasil, em 2015.

Simone Maria de Moraes: Filha de nordestinos, nascida na periferia de São Paulo. É Bacharel em Matemática pela PUC-SP, mestre em Matemática pela USP (1995), doutora em Matemática pela UNICAMP (2002) e pós-doutorado na Universidade de Valencia (2008).

Altamira Simões: Mãe de 3 filhas e avó de uma menina. Lésbica, casada. Educadora do Meio Popular, parte da comissão organizadora do Fórum de Lésbica e Mulheres Bissexuais da Bahia. Moradora da Liberdade em Salvador/BA. Bairro de concentração populacional de baixa renda que foi considerado por muito tempo o bairro com maior número de negros do Brasil.

Vércia Vaz: Cantora, compositora, lésbica, educadora, graduada em Letras. Mesmo sendo filha de Pai de Santo, negro, responsável por um dos terreiros mais tradicionais do Brasil, o Kwé Cejá Hundé (Roça do Ventura), na cidade de Cachoeira/BA, cresceu distante de tudo que fazia referência as culturas Afro-brasileiras.

Paula Regina: Filha de Ednice, neta de D. Helena e D. Conceição. Educadora Popular, Geógrafa e filha de Yansã. Fã de muitas mulheres, gosta de música, cinema e viajar. Amante de mapas e das comunidades tradicionais. Cresceu numa família de Movimento Negro no bairro da Liberdade em Salvador. Hoje vive na comunidade dos Barris na Lapa.

Geruza Menezzes: Eterna Rainha do Ilê Aiyê é proprietária do Salão de Beleza Gerusa das Tranças, localizado no Curuzu. Bairro que abriga o primeiro bloco afro do Brasil, o Ilê Aiyê.

Marianna Morena: formada em Arquitetura e Urbanismo. Atualmente faz Direito na Universidade Católica do Salvador.

Monique Evelle: fundadora da rede Desabafo Social, estudante do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades com ênfase em Política e Gestão da Cultura na Universidade Federal da Bahia. Em 2013 ficou entre 25 mulheres negras mais influentes da internet no Brasil, pelo site Blogueiras Negras e em março 2015 ficou na lista das “30 mulheres com menos de 30 para ficar de olho em 2015”, feita pela Revista Cláudia e Portal MdeMulher, da Editora Abril. Orientadora de organizações e pessoas da América

Latina na plataforma Mucho con Poco- Líderes Inovadores de América Latina e colunista do site Asuntos del Sur. Em março de 2014 seu projeto Desabafo Social ganhou o Prêmio Protagonismo Juvenil pela Associação Brasileira de Magistrados, Promotores de Justiça e Defensores Públicos da Infância e Juventude.

Aline Vilaça Serzedello: paulista, apaixonadamente mineira; bailarina com intenções e cantos jazzísticos. Bacharel e Licenciada em Dança, UFV. Mestranda em Relações Etnicorraciais - Cefet/ RJ. Diretora geral da Cia JazzcomJazz.

Ana Paula Costa: nascida numa família de classe média alta na cidade de Cachoeiro do Itapemirim/ES, é estudante de Ciências Sociais da UFV, bolsista de iniciação científica da Cnpq e coordenadora do Projeto Memórias desenvolvido na Casa Cultural do Morro.

Juliana Rosa: Moradora da periferia de Viçosa, estudante do curso de Direito da UFV, bolsista da AJUP, trabalha com assistência jurídica em regiões quilombolas, e é pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros. Teve o pai e a mãe assassinados, e desde os quinze anos de idade ficou responsável por cuidar dos três irmãos mais novos.

Juliana Costa: Escritora dos Cadernos Negros, educadora, pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e graduada em Letras. É primeira de todas as gerações que se tem conhecimento em sua família a se formar em um curso superior.

Gilsa Maria dos Santos: Historiadora e Educadora social, moradora do bairro Carapina periferia de Gov. Valadares. Uma das idealizadoras do Coletivo Encrespa que discute o feminismo negro, gênero e identidade, iniciou o ativismo no movimento negro pela Pastoral Afro Brasileira - PAB e também no Fórum de Promoção Pela Igualdade Racial - FOPPIR uma organização estadual das cidades do interior de Minas. Atuou como Professora da rede Estadual e ProJovem Urbano e também é pesquisadora no Ponto de Cultura Memória dos Povos do Campo e como mobilizadora do Museu Social - Ponto de

Memória Morro do Carapina. Atualmente é coordenadora de Direitos Humanos na rede Educação Municipal. Poetiza, sonhadora, militante por um mundo que assegure equidade de gênero e proporcione igualdade racial, especialmente pelo empoeiramento da mulher negra.

Vanesca Quintana do Rosário: Mãe de 3 filhas, casada, dona de Casa e Administradora de empresa. Maquiadora, cabelereira e dançarina nas horas vagas. Assumiu o cargo de gerência de uma clínica de cardiologia há mais de cinco anos e até hoje não consegue ganhar o salário que a última gerente branca ganhava quando foi promovida.

Carla Valéria Rosa: Moradora da periferia de Viçosa, mãe solteira de 2 filhas e 2 filhos, presidente da Casa Cultural do Morro e cozinheira. Perdeu parte da audição em situação de violência doméstica.

Kayla: estudante do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Viçosa, travesti negra, educadora, faz parte do Coletivo Primavera nos Dentes.

Marina Gabriela: Estudante do curso de Agronomia na Universidade Federal de Viçosa, Coordenadora do Projeto Pérolas Negras, Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro Brasileiros.

Francy Silva: Doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas e Mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal de Viçosa. Militante do Movimento Negro. É membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros – NEAB Viçosa. Atriz amadora e professora por vocação, acredita na educação como uma importante ferramenta de transformação e como uma arma efetiva no combate ao racismo e a todas as práticas discriminatórias.

Raissa Rosa: Moradora da periferia de Viçosa, estudante do curso de Ciências Sociais na UFV, Coordenadora do Projeto Pérolas Negras, fundadora da Casa Cultural do Morro e Vice-Presidenta do Conselho Municipal da Juventude. É a primeira da família a se formar num curso Superior.

Cristina Maria Expedito: mãe de gêmeas e um menino, casada, empregada doméstica e trançadeira. Aprendeu a trançar cabelo na rua de sua casa, aos 12 anos, enquanto cuidava de meninas no período em que as mães saíam para trabalhar.

Hilda Maria Lima: Mãe de 3 filhos, avó de 2 netos, casada e doméstica. Em 1989 foi presa e acusada injustamente de roubar uma maleta de dólares.

Alda da Silva Basílio: Mãe de 10 filhos, Avó de 12 netos e Bisavó de 3 e doméstica. Foi embora da fazenda que trabalhava em Teixeiras/MG para se livrar dos maus tratos dos patrões, casou-se e estabeleceu família em Viçosa/MG.

3.3 Pós-Produção

Ao final das gravações, assisti todo o material capturado e comecei a transcrição das entrevistas. Decupei as oito primeiras entrevistas, mas percebendo que não conseguiria transcrever o material sozinha e em tempo hábil, conheci e convidei a estudante do Curso de Comunicação da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Alice Bernardo, na qual ficou responsável pelas transcrições das outras quinze entrevistas restantes. À medida que o material foi sendo decupado, fui selecionando trechos das entrevistas que poderiam fazer parte do roteiro final. A partir disso, comecei um trabalho manual onde articulei os depoimentos selecionados durante as entrevistas, separando-os em classes onde transpareciam as vivências e experiências como pontos em comum entre as mulheres entrevistadas, independentemente da posição social.

As entrevistas foram organizadas de acordo com um cronograma da vida de cada mulher, como: Infância, Racismo na Escola, Adolescência, Vida afetiva, Racismo na Universidade, Racismo no Mercado de Trabalho, Empoderamento e Cabelos. Ao final desta organização iniciei a montagem do roteiro. Com a primeira versão pronta, comecei o processo de edição do documentário. Durante a edição dos vídeos foram feitos ajustes no roteiro até chegar a versão final do documentário. O programa utilizado para editar o filme foi o Adobe Premiere CS6.

Cronograma:

Atividade	M a r	A b r	M a i	J u n	J u l	A g o	S e t	O u t	N o v
Reuniões de orientação	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Pesquisa bibliográfica	X	X	X	X					
Pré-entrevistas		X	X	X	X				
Captação: áudio e imagens de entrevistas e de off		X	X	X	X	X			
Decupagem do material bruto		X	X	X	X	X			
Edição dos Vídeos							X	X	
Redação do Memorial		X	X	X	X	X	X	X	
Finalização do Documentário								X	X
Defesa do TCC									X

Orçamento:

Descrição	Quantidade	Valor unitário	Total
Passagem transporte público Viçosa.	10	R\$ 2.25	R\$ 22.50
Passagem interestadual Viçosa- Rio de Janeiro	2	R\$ 80.00	R\$ 160.00
Passagem interestadual Rio de Janeiro- Viçosa	2	R\$ 80.00	R\$ 160.00
Passagem aérea Rio de Janeiro – Salvador	2	R\$ 90.00	R\$ 180.00
Passagem aérea Salvador – Rio de Janeiro	2	R\$ 110.00	R\$ 220.00
Passagem transporte público Salvador	30	R\$3.40	R\$ 102.00
Alimentação viagem Salvador	2	R\$ 150.00	R\$300.00
Outras despesas viagens	2	R\$ 100.00	R\$ 200.00
Transporte alternativo Salvador	1	R\$ 120.00	R\$ 120.00
Transporte alternativo Viçosa	1	R\$ 10.00	R\$10.00
Microfone Shotgun	1	R\$ 600.00	R\$ 600.00
Gravador Sony	1	R\$ 200.00	R\$ 200.00
Tripé Velbon C-600	1	R\$ 300.00	R\$ 300.00
Computador para edição	1	R\$ 3, 737.00	R\$ 3. 737.00
Xerox de autorizações	50	R\$ 0.10	R\$ 5.00
Livros para referencial teórico.	3	R\$ 50.00	R\$ 150.00
TOTAL			R\$ 6,411.50

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das entrevistas que realizei, pude conhecer um pouco da história de vida de diferentes mulheres negras, de realidades sociais e econômicas distintas. Este foi um ótimo exercício para reconhecer quão privilegiada fui em relação às minhas irmãs pretas. Às situações a que estas mulheres acabam submetidas não caberiam em horas e horas de

gravações, conscientizar-se sobre as desigualdades raciais implica reaprender a história sobre outro ponto de vista. Educar nossas crianças valorizando a história do Brasil com uma percepção de pluralidade e multiculturalidade auxilia para o extermínio de preconceitos historicamente relacionados a nossa formação indetentária como descendentes de africanos, índios e europeu.

Todas as entrevistadas, independente da classe social ou “tom de pele” experimentam os efeitos do racismo e do sexismo diariamente. Algumas também sofrem preconceito de classe, de orientação sexual e outro. Cabe a cada uma de nós entendermos que fazemos parte de um sistema que traz em suas raízes fortes laços com a mercantilização, colonização e exploração, sendo que este processo deixou heranças e feridas, e que por muitos momentos mostram que ainda continuam abertas. Marcas como os alisamentos e a padronização da beleza, padrão imposto por uma sociedade baseado em conceitos europeus, sepultando as diversas belezas existentes e condenando aquilo que não é “belo”, ocultando os outros olhares sobre a formação do povo brasileiro.

As identidades da formação do nosso país se articulam com as nossas vivências, conceitos e visões de mundo. Situações de discriminações marcam o processo de formação individual de cada pessoa, onde a afirmação do cabelo crespo e das heranças afro brasileiras se tornam um enfrentamento ao preconceito e a estrutura de privilégios de classe que vem se mantendo desde o período de colonização.

Pretendi neste trabalho visibilizar as experiências e vivências de mulheres negras e mestiças, mostrando a importância da valorização e o conhecimento da nossa história como descendentes de lutas e resistências, mostrando a importância do real comprometimento de implantações e realizações das políticas públicas para a equidade de gênero, etnias e outras ramificações da formação histórica brasileira.

Procurei, através do documentário, problematizar o racismo, sabemos que muito tem que ser feito e reestruturado, entretanto precisamos trabalhar a representatividade dentro de todos os espaços, como um viés político e de combates as mazelas derivadas de um período pós-escravocrata.

Referências bibliográficas

BRAGA, Amanda. **História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas**. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

DIJK, Teun A. van (org.). **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.

HOOKS, Bell. Alisando o Nosso Cabelo. **Criola**. Disponível em: <<http://www.criola.org.br/mais/bell%20hooks%20-%20Alisando%20nosso%20cabelo.pdf>>. Acessado em 9 mar. 2015.

HOOKS, Bell. Luta de Classes Feminista. **Coletivo Anarquista Bandeira Negra**. Disponível em: <<http://www.cabn.libertar.org/wp-content/uploads/2013/08/LutadeClassesFeminista.pdf>>. Acessado em 9 mar. 2015.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção**. São Paulo: Summus, 2012.

MARCONDES, Mariana... [et al.]. **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras do Brasil**. Brasília: Ipea, 2013.

MATTOS, Ivanilde; SILVA, Aline. Vício cacheado: estéticas afro diaspóricas. **Revista da ABPN** .6, n. 14 • jul. – out. 2014, p. 214-235.

MORAES, Fabiana. **No país do racismo institucional**. Recife: Procuradoria Geral de Justiça, 2013.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. São Paulo: Papirus, 2001.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social**, São Paulo, v. 19, n. 1, P. 287-308, nov, 2006. Disponível em:

<<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/site/images/stories/edicoes/v191/v19n1a15.pdf>> Acessado em 9 mar. 2015

SCHUMAHER, Schuma; VITAL BRAZIL, Érico. **Mulheres Negras do Brasil**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.

SILVA BORGES, Roberto; BORGES, Rosane (org.). **Mídia e racismo**. Brasília: ABPN, 2012.

ANEXOS

ROTEIRO – EROLADO NA RAIZ

Fundo preto

Logo Pérolas Negras, NEAB (fade in/out) (4”)

Logo DCM, UFV, COM (fade in/out) (4”)

Logo Observatório dos Movimentos Sociais (fade in/ou) (4”)

Fundo preto

O meu sonho não era ficar em teixeira nem ficar na roça... Ficar na roça e nem teixeira e nem vim pra viçosa. O meu sonho é de ser mo... Modelo. Modelo pensava assim de... De sair na capa de revista ou então ficar na na... Naquelas placas assim da rua assim... Com um lenço bem bonito então a cabeça raspadinha com o brinco grande só de tanga. (risos) meu sonho era esse. Eu tenho que falar meu sonho era este. Ficar ali... É... É... Meu sonho era este. Eu eu... E eu... E eu ainda falava com a patroa meu sonho não é ser doméstica falava com minha patroa aqui em viçosa meu sonho é ser é ser modelo. Mas né só esse sonho não. Mas o destino mudou que eu casei, tenho uma família grande... É então... Tem marido, tem filho, tem neto, tem bisneto... Eu tô muito contente com isto... Que deus me deu... Né.

E... O cabelo da senhora?

Meu cabelo era mais comprido. Mas e... Se... Você sabe né quando a gente é mocinha nova a gente inventa muita moda. Apareceu uma uma pessoa que... Que falava era muito minha amiga né foi... Pra... Me pediu cê tem pente... Aquele pente que esquenta? Cê deve conhecer né?

Uhum

Então. Passou no cabelo molhado e foi penteando. E ela soprava. Agora... Tive que pensar que ela não tinha cabelo o cabelo dela era curtinho assim. E era escurinho assim e o cabelo dela nunca tinha crescido. E ela depenando meu cabelo. Da do tempo que ela pegou no meu cabelo, e fez o o... Passou o pente quente nunca mais cresceu do jeito que ele era. Era só uma trança que minha mãe fazia. **(mvi_0010) 15”-2’15” Alda.**

ENROLADO naRAIZ (fade in/out) (6”)

Fade In

Gritaram-me Negra – primeira parte.

Fade Out

Fade In

Com seis, sete anos de idade, eu sentia essa dificuldade na hora de pentear o cabelo, porque minha prima que sempre penteava meu cabelo, e minha mãe, elas puxavam meu cabelo e doia muito. E eu não gostava de pentear o cabelo, mesmo assim penteava, tal. Mas o que eu comecei a rejeitar o meu cabelo foi quando eu comecei a trabalhar como doméstica a partir dos dez anos de idade. Que ai foi que eu conheci pessoas que não tinha o cabelo crespo. Que os cabelos eram lisos ou quase lisos. E ai eu pude perceber a diferença dos outros cabelos para o meu. **2' – 2'50" (mvi_7695) Creuza.**

Sempre minha mãe passou algo que amaciasse aquela frase “vou passar algo para amaciar” nada muito agressivo no início, mas ela mesmo cuidava. Minha mãe sempre cuidou do meu cabelo isso quando ela começou a passar eu já tinha já tinha um pouco mais de idade. Quando criança, meu cabelo sempre muito bem trançado, sempre ou com os tongos o tongo eu não quis mais os tongos são os... Os pitoquinhos né que as pessoas dizem... Eu não quis mais, porque vivi uma experiência ruim na escola que eu fui de pitoquinho e o pessoal me dá cascudo... Então eu nun... Eu nunca mais quis usar. **3'58" – 4'10" (mvi_8303) Gilsa.**

Criança não tem vontade, né e também não sabe muito bem das coisas que tão acontecendo. Então quando alisei o cabelo, eu era criança e alisei por conta da minha mãe ela quis e eu alisei o cabelo. **(mvi_8872) 1'22" – 1'56" Ana Paula.**

E eu e minhas irmãs temos os cabelos crespos e alisávamos quando éramos crianças não por vontade. Mas era uma coisa que partia de minha mãe. **3'58" – 4'10" (mvi_8303) Vércia.**

O meu cabelo? Ih meu cabelo era bonitinho quando eu era pequena. Tinha dois chifrinhos aqui assim ó. Uma trancinha do lado e trancinha do outro cabelo sequinhozinho. Aí minha mãe tacava... É... Sei lá óleo. Óleo de coco. Aí passava e aquele cabelo ficava brilhando... Aí eu fui crescendo queria ter cabelo liso. Tacava pasta no cabelo. Aí passava uma pasta no cabelo que até feria o couro cabeludo. Dava cada machucadão... Aí fui crescendo, crescendo, crescendo e aí foi tendo as químicas, passava química aí, quando viajava assim ficava até a cabeça do lado de fora o cabelo voava. **(audio 022) 14'36"- 15'20" Carla.**

Ter o cabelo crespo assim nunca foi uma opção assim quando eu era criança, minha mãe não passava produto, não alisava, mas também ele nunca ficou solto assim eu não tenho lembrança do meu cabelo solto e tenho certeza que nunca usei ele assim e nem ia querer também eu preferia meio que nem querer sair na rua. Era sempre trançado, preso... E aí quando fez onze anos, alisou o cabelo e foi o melhor dia da minha vida. Eu sai na rua, cabelo balançando e eu achei aquilo o máximo né no ano eu lembro andando na ponte e o cabelo voando. Aquilo foi muito bom naquele momento né falei finalmente... Né tô pertencendo a um a um lugar né que do cabelo que balança né que isso era importante pra mim naquela época. **(mvi9664) 3'55"- 4'40" _Marina Gabriela.**

Eu andava só de trança quando era criança, só de trança, de trança... E até que um dia minha mãe confiou meu cabelo pra uma prima e ela cortou minha trança e alisou meu cabelo. Aquilo foi horrível porque era uns produtos muito fortes, ficava com ferida na cabeça. **1'55 – 2'16" (mvi_7754) Simone.**

Mas eu queria muito então assim por mais que aquilo ali fosse... Um elemento de tortura, eu me submetia e isso, porque eu queria estar bonita. Eu queria ser bonita. Eu ser bonita... Naquela época, naquele contexto não era ser uma neguinha... De cabelo duro. Então você quer ter... Não é de cabelo duro é neguinha de cabelo ruim né pra você querer ser... Uma neguinha de cabelo bom né. E aí você vai e acaba se submetendo a essa... A esse elemento de tortura, mas assim, mas assim depois durante muito tempo que foram muitos alisantes, esses produtos que compram em farmácia, muitos produtos químicos, muitas vezes eu tive queda de cabelo, cabelo cair inteiro de ca... Principalmente aqui atrás ficava uns

buracos sabe? Aquela coisa esticada... Caiu na frente inteiro uma vez... **(mvi_9664) 3'55"- 4'40" Francy.**

Desde pequena, é... Eu... Minha mãe cortava meu cabelo, aí quando depois da menstruação né que pode alisar cabelo, aí comecei a alisar o cabelo. Ela começou a alisar meu cabelo pequena mesmo, mas eu acho que comecei a alisar o cabelo bem antes da menstruação. Eu sei que com doze anos de idade, eu mesma alisava meu cabelo sozinha. Eu comprava é velim, que era um tubo... E passava. Eu mesmo passava e olha que isso é super perigoso tem o risco até de cair o cabelo, mas eu passava, não tinha dinheiro pra ir pra salão ficar fazendo escova passava aquilo ali lavava e fazia uma touca, rodava prum lado pro outro o cabelo ficava liso, uma beleza. Eu... E a minha infância assim tinha... Vários apelidos né... Justamente por causa da minha cor, meu nariz e o apelido que ficou na minha memória até hoje por causa do meu nariz é o bulldoginho né o cachorrinho bulldog o nariz atarra...chado e a bochecha caída (risos). É... Quando criança, eu chorava muito por causa disso; hoje não hoje eu... Hoje não choro mais, não ligo mais, mas também modifiquei pra me adequar. **(mvi_9664) 3'55"- 4'40" Vanesca.**

Meu cabelo sempre foi crespo, né. E aí quando chegava. Quando crescia, o único lugar que eu podia cortar o cabelo era no barbeiro. E eu quando cortava o cabelo no barbeiro e chegava em casa quase careca. E as minhas colegas tinha os cabelos lindos, cacheados, loiros bonitos. Então eu levava uma semana sem ir na escola. Porque quando eu chegava a escola o pessoal dizia. Olha o joãozinho! Ó o homenzinho! Então aquilo me deixava assim, muito triste né. Eu pensava: poxa, esse meu cabelo não é bonito. Eu não podia ter o cabelo melhor? **1'26 – 1'40" (mvi_7754) Marianna.**

Eu acho que na infância foi o momento que mais sofri com o racismo infância e pré-adolescência assim, porque é um momento que... Eu sentia todos os ataques assim, os olhares, as piadas e tudo às vezes não diretamente, mas indiretamente também. Você ia assistir um desenho cê nunca via... Uma menina negra, cê ligava a televisão a mulher negra tava sempre ou era empregada ou era muito feia e todo mundo ria... Era isso. Então eu já... Tinha e eu... Quando eu era criança eu era assim muito fechada acho que por causa disso. A posição que eu tinha era como se eu tivesse o tempo todo... Me desculpando ali por existir sabe? **(mvi_9663) 2'20"- 3'30" Marina Gabriela.**

na infância pra mim, nunca foi tão perceptível porque assim de certa forma. A minha família blindava isso, mas na minha própria família por parte de mãe que tinha um cabelo melhorzinho, tinha uma cor mais clara, já existia sim a discriminação né, a diferente. Teve uma tia minha mãe falou: é minha filha, Mariana. Ai ela olhou pra mim de cima a baixo e falou assim: ela é diferente né. E até hoje esse diferente ficou na minha mente, né. Eu falei: que será ser diferente né. **(mvi_9664) 30"-1'35" Marianna.**

O meu calcanhar de Aquiles sempre foi meu cabelo. Por assim na minha família, entre primos, por parte da minha família por parte de pai eu era a mais clara. Por parte de mãe eu já não era a mais clara. Eu tinha primas assim dentro dos padrões europeus né. Pele clara, cabelo liso, olhos claros também. **(audio 022) 14'36"- 15'20" Vércia.**

Mas na escola que me impactou de saber que não era branca. Porque por definição preto era feio. **1'26 – 1'40" (mvi_7754) Simone.**

E a primeira vez que eu descobri o racismo. Não necessariamente entender que aquilo era racismo, mas sei lá. No pré. Na escola. No fundamental i. Por conta das piadinhas do cabelo. Da piadinhas por conta que você é negra. Ai você acha sempre que é brincadeira ou piada sem graça. **(audio 022) 14'36"- 15'20" Monique.**

Assim eu fui pra creche com... Seis meses mais ou menos e desde então que... Que eu só convivo convivia com pessoas negras então pra mim era tudo... Normal, todo mundo igual. Aí quando eu fiz dez anos eu fui estudar numa escola particular daqui de viçosa aí eu comecei a sentir o... O racismo, porque as pessoas me tratavam diferente das outras por eu ser a única negra assim... Na sala e... E uma das poucas no colégio todo assim acho que tinha umas... Cinco pessoas negras dentro do colégio. **(mvi_9664) 30"-1'35" Juliana Rosa.**

Tava fazendo um memorial do curso de pedagogia que tava cursando agora e me pediram pra fazer o memorial da vida escolar né. E eu fui fazendo um... Um... Um histórico,

resgate de memória... Da minha memória escolar e um dos fatores que mais me marcou foi que... Em diversos pontos da minha vida escolar o racismo esteve presente. .
(mvi_9664) 30"-1'35" Gilsa.

Ó na escola sempre eu queria ser igual às outras meninas, porque... Ah ela sempre sobressaía mais né... Com professores, sempre aquela pessoa mais... Moreninha do cabelo... Mais esvoaçado, sempre ela fica mais de lado e também aí você nem consegue sobressair, porque você mesmo já se sente diferente do grupo e já se recua... **(mvi_9664) 30"-1'35" Vanesca.**

Meus professores sem... Nun... Nunca... Acreditavam que eu poderia por exemplo tirar uma nota boa. Se via que eu tirava qualquer nota, eles não tavam nem aí, porque eles achavam que eu não tinha capacidade de pensar alguma coisa nem por isso insistiam em ensinar determinadas... Determinados conteúdo. **(mvi_9178) 6'40" 7' Juliana Costa.**

Aí fui comecei o jardim... Só que aí chegou a tal da festa junina né... Que era horrível além de ser muito tímida não querer pra mim era uma exposição muito grande dançar ali e todo mundo vendo... Aí na hora de escolher os parzinhos, aí a professora que escolhia fulano de tal é com fulano e na hora que falou... Menino tal com a marina e o menino “não vou dançar com ela não, porque ela é preta” (risos). Aí tipo assim olhou riu, riu... Não rindo, mas tipo assim na época foi horrível pra mim ser eu queria tar morta mesmo assim que eu pensei... E e e a... E aquela coisa eu não queria nem dançar, porque no fundo eu sabia que isso ia acabar acontecendo e foi... E aí tipo assim eu não quero isso, que eu vou ter que viver aquela situação até que não tinha como escolher... Aí chegou e vivi a situação não quero dançar com a marina, porque ela é preta e aí a professora ah! Os professores não sabiam como lidar não fala assim, não sei o que aí fica por aquilo mesmo e no fim das contas eu tive que acabei ainda dançando com esse menino ainda... Que é pior ainda. **(mvi_9664) 30"-1'35" Marina Gabriela.**

Na escola por exemplo, embora eu tenha sempre estudado em escola pública, o cabelo sempre foi uma preocupação pra mim. Não que estivesse em mim, mas eu sabia que estava nas outras pessoas. E as pessoas... Era como se fosse uma culpa que eu levasse

para as pessoas, por eu ter a pele um pouco mais clara e o olho claro. E o olho claro também. Como minha irmã. Minha irmã talvez tenha sofrido mais por ter a pele mais etida e ter o olho claro também. Então era assim: no seio da família eu tinha digamos que privilégios em relação a padrão de beleza. Fora da família a depender do meio em que eu estivesse inserida, aquilo ali tava muito claro pra mim. **4'57" – 5'52" (mvi_8303) Vércia.**

Eu tive uma situação de vida que me foi favorável e que me fez perceber várias coisas hoje né, porque na época eu a... Eu... Eu penso que eu não tinha muita muita noção do preconceito, muita noção da desigualdade racial e social que a gente tem no brasil, mas... Eu estudei em escola públi... Escola particular desculpa a minha vida inteira em uma escola majoritariamente de brancos a gente tinha dois, três alunos é... Negros na sala e a maioria era misturada também e de... E de classe média alta. Eu lembro... Ensino médio muito tempo depois que tinha uma aluna negra na minha sala ela era bolsista e a gente percebia que havia um uma diferença muito grande, mas não era por conta somente da cor, porque eu vivi não percebi tanto preconceito pela posição social que eu tava colocada, mas mais pela condição social dela e que vinha agregando valores assim de... De... De preconceito. É... Mas a minha sala a maioria dos meus amigos, a maioria da minha escola era branca a gente tinha pouquíssimos... Eu lembro de uma professora negra que eu tive não lembro de de mais nenhuma era todos os professores brancos, uma escola branca. **(mvi_8871) 1'52" – 3'15" Ana Paula.**

Eu estudei numa escola particular, eu era bolsista, única negra na sala e filha da faxineira e a menina que morava no rebenta rabicho. Então... Uma coisa assim que tentava esconder, mas que na verdade... Eu nem sabia... Que que era racismo né que... Ah, porque seu cabelo é ruim né dentro da sala de aula uma vez um menino cortou o meu cabeo, porque meu cabelo não não... Não era um cabelo bonito pro... Do agrado dele, porque an... Quando eu não andava com o cabelo preso, eu soltava ele uma vez na vida e outra na morte. Aí quando eles me viam de cabelo solto, parecia que era um impacto na vida deles né numa escola de classe média alta, na cidade é referência na cidade e branca e uma menina lá negra incomodando. Eu não achava que era negra na verdade eu achava que eu era morena. Amarela... Né. É... Mais aí quem é racista sabe muito bem quem que é negro que foge da do pa... Do padrão de beleza deles é... Incomoda né. Incomoda o

nariz, incomoda... Incomoda o cabelo, incomoda a a cor da pele né. **(mvi_9664) 30"-1'35" Raissa.**

Quando um menino da minha sala disse que eu era... Assim eu era a pessoa mais feia da sala, da escola toda porque eu era negra. Aí nesse dia eu... Resolvi que eu não... Que eu não era mais negra coloquei isso na cabeça que não era negra eu queria me comportar como branca. Aí... Foi aí que decidi a... Começar usar química no meu cabelo tinha doze anos. Aí eu... Comecei não alisava, porque eu achava que o cabelo liso não... Não combinava com meu rosto, mas eu sim fazia permanente afro assim pra poder ser aceita no colégio, só que... Durante os três anos que eu fiquei lá eu comecei a me sentir mal e eu... Por isso que queria sair, só que como ganhei uma bolsa e eu... E minha vó achava que era um ensino de qualidade que eu tinha que ficar lá pra ter bom ensino, eu resolvi ser reprovada assim eu quis eu fiz tudo para ser reprovada pra poder sair do colégio. Aí eu fui reprovada e fui pra uma escola pública lá no bairro de Fátima aí lá eu já comecei a me sentir melhor, porque tinha pessoas... Também negras... Eram poucas por ser apesar de ser uma escola pública, mas eu já era mais aceita, mas ainda assim continuei é a... É... Usando química no cabelo! **(mvi_9664) 30"-1'35" Rosa.**

E nesse colégio eu comecei a entender assim. Meu cabelo era muito criticado. Meu cabelo sempre foi muito cheio muito volumoso né, muito pra cima. E ai ele era muito criticado assim pelos meus colegas, pela pessoas que estavam a meu redor. Ai tinha apelidos, muito ruins, assim, eu e uma outra amiga, Cristiane. E a gente sofria muito. Cabelo de cocô. Cabelo de não sei o que. **(mvi_8662) 9'45"- 10'19" Paula Regina.**

Cabelo de pixaim, pompom, sei lá. Eu poderia ser a mais gata. E realmente as vezes eu era a mais gata. Mas sempre seria a feia, né. Paquera no colégio. E eu nunca entendia porque eu era a feia né. Podia ta com cabelo penteado, arrumado, cheirosa, bonita. Mas sempre você era a feia e seu cabelo era ruim. ? **2'30" – 2'43" (mvi_7754)Monique.**

Chamava a gente de girassol, de arapuá. Eu mesmo passava a escova de roupa. Passava na frente do meu cabelo. Porque eu passava. Passava pro cabelo não ficar pra cima,

assanhado. Fazia muito periquito que tinha muito cabelo. Minhas tranças eram grandes, grossa, meu cabelo crespo. Que eu amo meu cabelo. Não tem essa questão de dizer que eu nunca gostei. Eu gostava. Só não tinha referência e só não tinha que me dissesse que meu cabelo era lindo, que era bonito. Hoje eu digo a minha sobrinha. Seu cabelo é lindo, seu cabelo é bonito. Sua cor é maravilhosa. Você é negra sim. Idá! Quem vai dizer que não é? Mas ante eu não tinha uma referência. Eu não me via na tv. Eu não me vejo. Eu me procuro as vezes. E me acho de vez em quando. Você me representa. E antes eu não tinha isso. Eu tinha que botar toalha no cabelo. Balançar e dizer meu cabelo tá igual a aquela moça do xampu do comercial da Palmolive. Que eu queria que meu cabelo balançava. Mas meu cabelo já balançava. Mas eu não tinha noção. Mas eu não tinha noção como era meu cabelo balançar porque eu queria que balançasse desse jeito. Não como estava na televisão com aquela mulher branca. Balançando o cabelo o tempo todo e achando que meu cabelo tinha que ser assim. Que se eu compasse aquele shampoo, meu cabelo ia ficar exatamente igual daquela moça do Pamolive que é uma referência que eu não esqueço até hoje. **(mvi_8662) 9'45"- 10'19" Geruza.**

A questão é você se enquadrar numa coisa que você sabe que não é a sua, mas eu não via alguém que eu podia pensar: bom será que eu não podia ser assim né? **2'30" – 2'43" (mvi_7754) Simone.**

Me marcou por exemplo quando eu tinha oito anos de idade... Né e... Era normal, era comum que eu... Usasse as maquiagens da minha mãe... Né a... Até que um dia... É... Eu tava mexendo nas coisas dela... Né e eu tava usa... Usando as maquiagens dela. E aí é... Ela chegou de casa... Né ela é mãe solteira... Né é... Ela é uma mulher negra, mãe solteira e aí ela chegou e ela e ela ficou muito bolada... Né ela ficou muito bolada, porque eu tava... Usando... As coisas dela e ela ficou muito bolada e eu não enten... Não entendia c... Como ela... Podia ficar tão bolada, porque... Ela me via usando as maquiagens dela e... E eu acho que... Se eu me lembro bem, eu acho que os olhos dela chegaram a quase lacrimejar né. Tipo assim, ela... Ela lacrimejou e ela ficou com muita raiva... Né e ela me bateu. Ela me bateu e ela me ameaçou. Ela... Bateu é... E me ameaçou não e começou a me levar pra rua, fraga? Ela queria... Que... Que tipo todo mundo me visse e olhasse como as pessoas olham... Ah... Quem faz isso, sabe? ? **2'30" – 2'43" (mvi_7754) Kayla.**

A história do cabelo né tipo arruma seu cabelo ou... Ai gente... Fala baixo, anda assim, anda assado, não pode fazer tanto né tanto movimento não é pra dançar desse jeito e ah imagina né (risos) é. Aí era assim coisas que nitidamente eram o boicote assim da minha negritude assim. Era nítido e era muito doloroso né imagina. **(mvi_8662) 9'45"- 10'19"**
Aline Serzedelo.

E a gente vai começando a perceber né. E eu venho de uma família de movimento negro, assim, então essa coisas sempre tavam na ordem do dia na minha casa né. As pessoas falavam sobre isso. Então sempre me empoderei muito, fiquei muito forte diante disso. Mas mesmo assim, quando você é criança, isso choca muito assim, né. Então já teve casos de eu ir em passei de colégio daí chegar na porta e o segurança perguntar se eu era mesmo do colégio, porque a gente tava sem farda, né. Eai o segurança perguntava: você é mesmo do colégio? Você realmente ta aqui com essas outras crianças brancas. Então isso me deixava muito mal. Na condução também eu vinha de van pra casa e ai a minha condução ela tinha os critérios assim de que bairro ela levaria. E no meu bairro ela não levaria, porque era um bairro de população negra. Um bairro de pobre, extremamente pobre. **7'50" – 8'03" (mvi_7754) Paula Regina.**

Na igreja quando eu fiz primeira comunhão eu já não fiz... Na minha comunidade né que na minha paróquia não tava acontecendo aquele ano então eu vim pra catedral da cidade... Catedral no centro da cidade... A diferença econômica gritante né os meninos iam passar férias na disney isso eu to falando quase no mesmo ano na década de noventa... E eu nem... É... Nem sabia o que que era sair do país né até hoje ainda não sei, mas é... E assim eu via aqueles meninos todos os brinquedos novos é... Então aquilo era muito complexo pra mim foi a primeira vez que eu... Que eu ficava num espaço que eu não conversava eu só conversava com as pes... Com a profe... Com a catequista e não conversava com mais ninguém na na turma... E... Me sentia um pouco mal às vezes os meninos xingavam, faziam algumas referências... E um dia eles... Né foram mais agressivos eu cheguei em casa dizendo pra minha mãe que eu não queria voltar mais na catequese. **(mvi_9346) 1'30" Gilsa.**

Teve um fato uma vez na escola eu estudava num colégio aqui privilegiado de viçosa. Hoje em dia não tem muito valor não, mas era privilegiada. E nesse colégio tinham quatro negros: eu, meu irmão, e mais dois amigos dele. E tinha festas né... Durante o ano e... Eu lembro até hoje que eu tinha uma amiga loura eu amava os cachinhos dela muito loura, muito bonita e nós duas andavam de mão dada, ela levava lanche e dividia comigo, ela nossa era minha melhor amiga. Até que um dia teve uma festa junina na escola. Aí os pais foram nessa festa junina. Eu lembro até hoje que eu fiquei alegre porque eu ia conhecer a mãe dela e o pai e só que ela não lembrou de me avisar quando ela viesse ela perto dos pais eu fui correndo pra chegar perto dela e ela correu vindo encontrar comigo e falou “ô Cristina, não chega perto de mim agora não, porque minha mãe não sabe que tenho amigos pretos igual a você” aí que eu descobri também que era negona não tinha certeza disso. Com ela eu tava quase loira né... Na época, porque ela sempre falava comigo você não é negra você é morena. Aí descobri eu também eu não sabia que tinha tanto racismo né. **(mvi_9989) 10”- 1’33” Cristina.**

Eu tinha vários amigos que falavam assim: ah mas você não é negra. Você é moreninha. Esse você não é negra, é moreninha era o supprassumo né. **7’50” – 8’03” (mvi_7754) Simone.**

Eu vejo que não eu tentava falar um pouco das questões do... Do racismo e negritude em sala tal, mas era sempre aqueles assunto que não rende sabe que cê toca no assunto aí já tem alguém que abafa e aí cê já não tem tanto argumento porque tá no começo da discussão e aí tem sempre sempre tinha um que falava ah! Mas você não é tão negra assim. Cê é morena clara ou então ah! Mas você... Sabe assim cê... Sua família tem dinheiro... Como assim? Como que isso tá me ajudando, né assim assim. Não é disso que se trata né a discussão assim. Então ah! Cê... Você é educada ou você se veste bem tipo... Olha o tamanho do... Do racismos dessas falas e a pessoa acha que tá te ajudando falando uma coisa dessas. **(mvi_8663) 6’03” – 7’09” Aline Serzedello.**

aí na adolescência que chega né a época da paquera. É outra morte horrível... Que aí você vai na escola aí todo mundo paquerando, as meninas tudo falando que gosta de tal eu

também tinha né minhas paixõezinhas assim... Platônica, mas nenhum menino nunca... Nunca ia olhar pra mim assim como nunca olhou eu passei a minha fase inteira da escola... Nunca ficava nunca fiquei com ninguém assim de escola eu nunca... Pode parecer bobo assim, mas... Não é... Não é assim, porque é uma é uma coisa que faz parte né da fase da vida de todo mundo cê vai conversar com todo mundo aí como é que é numa escola, ter um namoradinho e tem malhação né que cê assiste malhação aí aquele monte de gente branca, todo mundo com namorado tudo você quer viver aquilo é... É... É muito bonito né cê quer aquilo também, cê quer apaixonar, cê quer também que a pessoa goste de você não gostar sozinho igual eu gostava. **(mvi_9664) 2'-3'05" Marina Gabriela.**

Tinha umas brincadeiras de abc que significava abraço, beijo e colada e mesmo quando eu esquecia de escrever na mão a letrinha, eu nunca fui beijada pelos meus colegas. Entre outras coisas. Nunca namorei na nem na infância nem na adolescência na escola. **3' – 3'13" (mvi_7772) Altamira.**

Passei o ensino médio inteiro sem dar um beijo na boca. Pensa se isso é... Se isso pode acontecer com alguém e aí era óbvio entendeu? Eu era tipo a única menina negra. **(mvi_9137) 12" – 53" Aline**

Eu sempre fui amiga e é muito engraçado, porque eu tenho irmãos apenas não tenho irmã... E os amigos dos meus irmãos todos eram meus amigos. Então eu nunca percebi... Talvez eu nunca tenha percebido... Esse... É porque nada é pra gente perceber né, mas eu talvez não tenha percebido, porque... Eu tinha muito amigos homens. Então nunca tinha me dado conta de como a gente... É... Sei lá... É... Deixada de lado nesse campo, né afetivo e às vezes quando a gente é olhado é com olhar... É... É... É... É nos extremos ou você é deixada de lado ou você é tratado como objeto né. Então eu... Infelizmente vivi as... As duas experiências... É... Muitas vezes é repetidas vezes e isso... Me causou um pouco de resistência aos relacionamentos. **(mvi_9137) 12" – 53" Gilsa.**

Namorado nunca tive. Até hoje não tenho. Assim a gente tinha assim eu... Algumas paqueras, mas nada assim que fosse... Adiante assim porque eu sempre ouvi que a mulher

negra não é mulher pra namorar, não é uma mulher pra casar. É uma mulher pra passar o tempo. E isso sempre ficou muito impregnado assim na minha cabeça e tipo assim eu... Não sei se se eram... Assim se são os me... Os homens que não que realmente não querem ou se é um bloqueio que eu tenho assim e que acabo que... Que me que eu causo um pouco de repulsa assim **(mvi_9137) 12” – 53” Juliana Rosa.**

Eu tinha uma amiga na verdade ela é minha amiga até hoje... E a gente saia muito juntas. Na verdade, eu eu saia eu eu sempre fui muito tranquila, muito de ficar em casa, mas tinha um período que a gente saia muito juntas pra festas e a mãe dela dizia que só confiava... Dizia... É... Se saísse comigo, então a gente acaba... Acabava saindo muito... Em... Muito pras festas. Teve um carnaval que... Cara a gente passava assim num... Sei lá um... Tem carnaval às vezes passa tem os bequinhos que você passa e os meninos normalmente chamam as meninas e tudo chega nelas eles... Tem uns babacas que querem beijar a força e tudo... E ela era branca ela é loura na verdade. Não. Né. Na verdade ela tá loira hoje, mas antes ela era só era só branca de cabelo... Era morena (risos) tinha o cabelo preto (risos). É é... Os meninos todos chegavam nela aí tipo assim chegavam nela e ela tipo assim aproveitava bastante. E nenhum menino chegava em mim, entendeu? Só chegava nela. Eu... Tipo assim eu aqui... Aquilo ali... Eu tentava achar que não... Tá. Tudo bem. E não tava tudo bem na verdade né você... Você você tenta achar mil justificativas pra tentar explicar aquilo ali, mas aquilo ali é racismo. É o racismo. **(mvi_9860) 3’58”-5’20 Francy.**

Isso eu já sentia, não só na questão sexual. Mas saber que tinha cara que as vezes se interessava por mim, mas nem queria namorar nem nada porque não era o perfil que a família ia aceitar, essa coisas. **1’34” – 1’46” (mvi_7757) Simone.**

Eu sempre me senti rejeitada como mulher, pelos homens negros. Me sentia rejeitada. Muitas vezes o homens na hora de uma paquera para uma mulher negra é uma forma muito agressiva, muito desrespeitosa. E eu não me sentia no padrão de beleza que esse homens fosse se interessar. Então eu também ficava na minha. E procurei sempre

trabalhar minha autoestima na questão do meu empoderamento dentro do movimento social. **6'40" – 7'22" (mvi_7695) Creuza.**

Eu me achava feia porque eu era negra, né. Naturalmente eu era feia, então isso daí já é uma coisa que você se exclui das coisas. Então meu porto seguro era estudar. E eu estudava muito, e na época trabalhava. Eu trabalhava o dia inteiro. Trabalhava, saía de manhã, seis horas da manhã e voltava meia noite. **8'46" – 9'14" (mvi_7754) Simone.**

Quando eu era menina, eu nunca ouvi ninguém dizer que eu era bonita, né. A gente precisa ta afirmando isso o tempo todo. Reafirmando isso pra nossas menina: você é bonita, você é inteligente, você é capaz, seu cabelo é bonito, né. **4'52 – 5'14" (mvi_7697) Creuza.**

No entanto que a primeira vez que meu pai... Já... Eu já moça meu pai me vê eu de progressiva que foi com cabelo bem... Natural não fica aquele esticado assim que antes com velim o cabelo ficava esticado, porque nem movimentava. Agora o cabelo até balança. Quando ele me viu com o cabelo daquele jeito, não esqueço eu já to com quarenta e três anos e não esqueço da frase: minha filha, mantenha o seu cabelo sempre assim. Nossa! Você está linda. Foi a primeira vez que consegui um elogio em toda minha vida (risos) da parte paterna. Então... E isso é muito... Nossa! É como se eu tivesse sendo igual a minha irmã... Pra ele e as pessoas também é... É... Tias, parentes, sempre ficava assim nossa! Nem parece que cê é filha do seu pai, nossa! Nem parece ser filha da sua mãe, nossa! Quem cê puxou? Cê é totalmente diferente... E isso e isso machuca muito. **1'31" – 1'49" (mvi_8455) Vanesca.**

E sair um pouco da vilância da família, né. Porque só foi por causa disso por exemplo que eu consegui ter um black sem ouvir as piadas da família, família preta, com os meus cabelos né. É interessante como o dread ainda sofre muito preconceito na família. Eu vi uma família que... O dread, por exemplo, é abominável... Né. É... Coisa de gente preta né, coisa de gente macumbeira né. É doido você ver uma família... Conservadora falando isso né. É... As minhas roupas todas... É interessante como... Muito que vi em casa em pequena

proporção assim... Né em pequenos comentários... É... Aparecem de uma outra forma na rua né. **(mvi_9342) 50"- 1'25" Kayla.**

Apesar de eu ter tido black por cinco anos assim. Quando eu fiz o dread as coisa mudaram. Você tem menos o estereótipo do negro aceito e mais o estereótipo do negro que não é aceito né. Do mendigo, do ladrão. **1'31" – 1'49" (mvi_8455) Paula Regina.**

Eu fui fazer uma seleção, e ai tava muito claro que as pessoas gostaram da minha aula, gostaram do meu currículo, das experiências que eu tinha até então, meu tom de voz... Elogiaram até visual. Mas o cabelo eu tenho certeza que foi um entrave. A pessoa que estava fazendo a entrevista comigo não deixou de olhar um minuto pro meu cabelo **8'03" – 8'30" (mvi_8403) Vércia.**

Eu já fiquei algum tempo sem trabalhar às vezes incomodava aquele quesito né o currículo da boa aparência aquela coisa toda. Então eu já... Eu já pude sentir isso nunca comprovei nunca... Investiguei com mais clareza. Às vezes acho que até um pouco de medo de... De me certificar que isso era um impeditivo né deixava... Deixava subtendido. **(mvi_9248) 11"25"- 11"55" Gilsa.**

Dizem que um grande ganho que a gente teve... É... Nesse século foram as mulheres terem trabalhar... Né. Eu acho isso uma loucura, porque minha mãe sempre trabalhou, minha avó sempre trabalhou... Né... É... Minha bisavó sempre trabalhou e eu sempre trabalhei né com dezesseis anos eu já eu já trabalhava e... É doido como não a gente sempre trabalhou né e de como as mulheres negras elas sempre viveram uma vida muito de... De exploração... Né de dupla exploração né e a exploração por causa... Do seu sexo e a exploração por causa da sua cor... **(mvi_9339) 10'45"- 11'25" Kayla.**

A minha mãe sempre trabalhou, é sofrida e nessa época ela fez uma cirurgia... E eu precisava de férias. Só que no eu sair de férias, este meu ex-patrão ele colocou uma pessoa lá... Não conhecia e colocou lá e a pessoa foi e roubou lá uma malo... Uma maleta de dólar. Qual é a primeira pessoa... Que eles fi... Foram acusar? Lógico que não era a branca.

Era a negra, porque a outra era branca, de cabelo bom e eu era negra de cabelo ruim. Mas deus é tão fiel na minha vida, tão maravilhado... Passei por muitas provações... Aqui na minha rua aqui a única pessoa que me deu apoio que minha mãe não podia... Sair, porque ela tava de cama, operada... Foi essa minha vizinha né que pra mim uma mãe pra mim irmã Alda... Considero uma família maravilhosa que me ajudou... Foi a única pessoa que entrou no carro de polícia comigo pra cima e pra baixo... Fui presa, algemada... E a maioria dos vizinhos sempre me caluniando que... Eu era ladra de dólar imagina uma pessoa que... Nem casa direito tinha... A... A minha janela pra você tirar noção era de tábua e mesmo assim toda perfurada que eu não tinha condições. Mas aí fui presa, fiquei presa lá as pessoas abusando bastante de mim, mas deus é tão fiel que... Lá eu já sabia que... Eu não sabia que deus tinha tanto cuidado na minha vida. Que aí neste meio tempo... Né minha mãe ela também conheceu dois advogados que na... Eu não sei se ele tá vivo ele chamava... Eu esqueci como é que ele chama agora ele foi, entrou no caso e... E arrumou dois advogados arrumou um outro amigo dele advogado... Entrou no caso. E no final da história que o testemunho muito grande pra encurtar... Eu peguei o que aconteceu? Fiquei livre, foi... Descobriram que na realidade não foi a negra como eles acharam que foi a negra que tinha roubado e sim a branca que roubou o dólar...
(mvi_0007) 1'10"- 3'45" Hilda.

Fui trabalhar no telemarketing. Nossa! Que triste. Né que triste cê ter que ficar se submetendo a... Vender tipo vinte mil reais por mês e ganhar... Oitocentos reais. Aí fui descobrir que isso chamava mais valia e fazia parte do capitalismo. Mas não é aquela coisa que... Nossa foi i... Eu trabalhei um ano e nove meses nessa empresa... E aí é... E aí minha mãe falava assim o... Ou você tem isso ou você estuda. Aí eu falei... N... Aí comecei a fazer cursinho... Fazia cursinho de manhã, trabalhava a tarde... Até nove horas da noite chegava em casa quase dez pra acordar no outro dia seis horas da manhã pra poder fazer... Pra poder fazer aquilo tudo. **(mvi_9987) 8'50"-9'50" Raissa Rosa.**

Eu já trabalhei na rede privada e eu sentia, assim, que eu era aceita pela minha capacidade de domínio de sala de aula, domínio de conteúdo, a proposta pedagógica era interessante. Mas eu sabia que inclusive pros alunos, que muitas vezes eles tentam passar por cima da

minha autoridade porque viam ali primeiramente, uma mulher pobre, preta e homossexual. 1'40" – 2'17" (mvi_8404) **Vércia.**

Eu sabia que dificilmente eu ia conseguir um trabalho de recepcionista. Porque a minha imagem já não era uma imagem que as pessoas iam querer ter pra receber os seus pacientes num consultório. Sabia que algumas coisas eu não ia conseguir. E aí depois comecei a estudar, entrei na universidade e aí tem a questão de que você consegue se identificar. Consegue fazer algumas coisas, mas por outro lado você vai ficando mais isolado. Porque quando eu entrei na universidade, quase não tinha negro na universidade naquela época. Então, não muito... Não tem parceiros, né. 5'18" – 5'58" (mvi_7754) **Simone.**

Quando eu cheguei na universidade, primeiro quando eu entrei minha primeira experiência foi quando entrei na biblioteca e... Não sei se era por causa da minha roupa se era... Por causa da minha pele se era por causa de... De eu inteira, mas a... O pessoal da portaria logo foi me apontando o... O lugar que eu deveria limpar, porque eles achavam que eu era a faxineira que tava chegando. (mvi_9181) 4'05"- 4'40" **Juliana Costa.**

Aí prestei vestibular fui pra engenharia ambiental e numa faculdade particular. Eu era a única negra da sala. Vazei, fui pra pública. Que eu falei pow pelo menos na pública vai ter mais negro por questão das cotas e tal. E não tinha. Era eu e mais um colega negro na sala de aula. E hoje também não muda muita coisa não. Eu tô no quinto período e são pouquíssimas as pessoas negras. E até o tom que alguns professores utilizam com você é diferente. Se você quer questionar algum assunto. Sei lá. Cesare Lombroso, que é um teórico totalmente racista, se você vai discutir essa temática ou alguma coisa contra isso. O professor vai achar que você tá brigando em sala de aula e não discutindo. Mas se for outra menina com pele clara, tal, com fenótipo diferente do meu. Ela tá discutindo e pondo sua opinião. Aí então você... Dentro da sala de aula é isso. Fora da sala de aula é a mesma coisa. 6'17" – 7'20" (mvi_8513) **Monique.**

Quando você vai arranjar trabalho por exemplo, e você tem o cabelo assim, né, um dread ou até mesmo um black, as pessoas já te olham assim, ce precisa meio que antes de sair pra entrevista de emprego, você tem que pensar como está o seu cabelo. Não só se ele ta bagunçado, ou se ele não está bagunçado. Mas se as pessoas vão te aceitar por você ter esse cabelo. E pronto. E eu comecei a ver esse racismo muito mais na pele com o mercado de trabalho. Dentro da universidade também, os professores sempre subestimam a sua capacidade, né. Uma vez eu tava numa sala eu abri a boca o professor falar: nossa como você entende disso? E eu fico me perguntando. Porque que eu não entenderia, né? Só porque eu sou mulher negra, que veio da periferia, que usa os cabelos naturais, só por isso? 2' – 2'59" (mvi_8455) **Paula Regina.**

As pessoas assim, os estagiários, os funcionários assim do fórum, da secretaria, dos gabinetes, são pessoas brancas. Tem a diferença porque algumas pessoas que chegam vê quando me vê na secretaria acha que não tenho competência pra poder tá fazendo o que eles precisam aí tipo fala que não tem ninguém e vai embora outros chegam olha assim e... E não fala nada e vai embora, porque eles são... Acostumaram chegar no fórum e achar pessoas brancas atendendo então quando eles chegam e me veem lá eles já... Assim é como se eu não pudesse ajudar eles e nem costumam nem falar nada e vão embora. (**áudio006 3'20"-4'10"**) **Juliana Rosa.**

Trabalho eu trabalho numa empresa, eu gerencio essa empresa, só que eu entrei nessa empresa como estagiária. E... Com muita sede de aprender, só que a gerente de lá antes é alta, loura, muito simpática, branca né... E a... E nós duas estudávamos... Graduamos juntos, estudávamos juntos mesma sala, mesma faculdade... Mas eu entrei como... Como... Só a estagiária e ela já exercia função de gerência. E aos poucos, eu, com interesse de aprender, fui... É... Pedindo, perguntando como que era e fui aprendendo todas as... Todas as funções da clínica... Onde trabalho até hoje, só que... É... Tinha aquela... Discriminação em questão quando ela foi transferida prum que ela mudou, sabe, de cidade e me indicou pra colocar no... No lugar dela falando que eu era uma excelente funcionária que tinha capacidade pra tá exercendo o cargo. E... Só que eles não... Não acreditavam no... Não queria muito devido... A vanesca aquela menina? De onde que ela veio? Mas por quê? Não ela estudou comigo... Foi muito difícil de aceitar. Na verdade,

ela foi transferida de... É... Pra outra empresa do mesmo grupo... E não, mas pode deixar ela que vou dando um apoio, vou dando uma assistência... Beleza. E eu fui pro cargo de gerência enfim fui pro cargo, mas ganhando o salário das... Que as outras funcionárias ganhavam que com cargo inferior né que era secretária, recepcionista então eu fui exercendo a função com esse mesmo cargo. Já tenho seis anos que eu tô na empresa... E até hoje eu não consegui é... Ganhar o salário... Na gerência já tem cinco anos não consegui ganhar o salário que ela... Que ela ganhava. E... Eu ganho inferior o que ela ganhava quando saiu... **(mvi_9295) 4'10"-7' Vanesca.**

Aí... Porque antes se falasse assim eu falava "ah. Deixa ela pra lá." Mas agora... Ah tem muita coisa que... Que antigamente a gente deixava pra lá, a gente tentava esquecer... Né, porque racismo? Eu já sofri muito. Por exemplo que eu esqueci de te falar que antes de eu trabalhar no restaurante, eu trabalhava na farmácia no rio de janeiro. Eu trabalhava de balconista de farmácia. Eu guardo a carteira até hoje pra falar com todo mundo ó, eu trabalhei em farmácia. Trabalhei em farmácia o que? Uns dois anos. Trabalhei em loja de de de de de... De festa no rio de janeiro... Né que vende atacado muito tempo antes de raíssa nascer. Quando a raíssa nasceu eu trabalhava na farmácia... Aí... Rio de janeiro não tem preconceito de um negro ficar... No balcão aí quando cheguei em viçosa, eu mostrei minha carteira de trabalho que tinha dois anos que trabalhei em farmácia, mostrei que tinha curso, mostrei que eu tinha... Tinha horas de de de... Tinha horas que eu atendia remédio e tinha a farmácia aqui que precisava de de de... De funcionário. Eu tentei. Chegava lá me olhava de cima em baixo... Aí ah tem não. Volta depois...aí por isso que fui trabalhar no restaurante, porque? Trabalhar no restaurante você sendo negro... Né igual esse meu ex-patrão garçom dele, copeiro e gerente era tudo... Branco. Os funcionário escuro dele ficava... Lá trás da cozinha, dentro da cozinha por causa de que? Negro tinha que ficar na senzala né. **(audio 022) 11'40"- 13'55" Carla.**

Eu tenho... Eu te... Eu carrego muito medo e... E eu vejo que as minhas amigas negras elas... Elas não são contratadas... Né e e... E... As... E as... E as... E as minhas amigas trans... Imagina trans... Imagina o que é ser mulher, trans, negra, assumir seu black, né a... Assumir sua cor né as... Assumir seu povo... E... E como isso é é também às vezes... É... Assumir que você vai ter dis... Discriminação no trabalho, você vai ter discri... Discriminação nas relações que você tem com as outras pessoas, você vai ter discriminação na sala de aula..... **(mvi_9340) 3'45"- 4'44" Kayla.**

Eu sofri racismo em São Carlos. Já aconteceu de gente falar: ah sua negra, não sei o que! E de você se posicionar. Sou negra mesmo. Qual o problema. Tô aqui! E acho que isso foi mudando minha vida...e a questão do racismo ela vai aparecendo sempre, né, porque quando eu fazia doutorado em Campinas toda vez que batiam na porta da minha casa, que eu aparecia, perguntavam: a patroa tá aí? Né porque na verdade as pessoas, acham que você tá naquela casa, nem era uma casa especial nem nada, mas você tem que ser a empregada. E já aconteceu de tá na universidade e alguém perguntar.. Tá na minha sala e perguntar: quando que a professora vai tá aí? A pessoa não te identifica como um professor, como uma pessoa que tinha que tá ali. **5'23" – 6'03" (mvi_7757) Simone.**

Encontrei uma... Uma professora na... Ela deu aula pra mim na quarta série no ensino fundamental. Aí ela me perguntou se eu já tava na universidade aí eu falei que sim ela me perguntou se eu fazia história ou dança. Aí eu disse que fazia direito e ela tipo assim, mas você faz direito com esse cabelo? (**áudio006 -4'43"**) **Juliana Rosa.**

Na verdade o que estava se esperando pra mim é que eu ia ser empregada doméstica como minha mãe. Que é o lugar que eu deveria estar. **2'24" – 2'38" (mvi_7755) Simone.**

Então assim é foram situações marcantes. Mas no geral. Eu não me deixo levar por essas ações e atitudes. Porque eu imagino que nosso papel é transformar. Transformar assim como é a questão de gênero, assim como é a questão da renda. Eu acho que a questão da cor, né. Também é um motivo para transformação por parte de quem sobre esse tipo de discriminação. Então eu acho que a minha função não é me retrair diante dessas situações. E sim transformar. Sempre. **8'17" (mvi_8497) – 07" (mvi_8488) Marianna.**

E aí eu levei um tempo ainda para assumir o meu cabelo crespo. Pra deixar o meu cabelo ficar crespo. E eu tinha um grande problema. Se o meu cabelo não tivesse alisado eu não tirava o lenço. **5'41 – 5'56" (mvi_7695) Creuza.**

E hoje quando eu olho pra trás eu fico: meu deus que imagem não era essa de uma criança, né, de uma pre-adolescente andando pelos corredores da escola com esse lenço na cabeça. Um lenço amarrado de qualquer jeito. Um lenço sem nenhuma estética, sem nenhum significado, que não fosse de tentar esconder o meu cabelo. Por que? Porque eu não era aceita. **2'35" _2'59" Altamira.**

A gente vai se negando a todo momento né e de como existe muito uma negação disso e a gente vai negando... O nosso corpo, a gente nega nosso cabelo, a gente nega... É... As... As roupas que eu quero usar, a gente nega... Várias coisas né. E a gente começa a negar às vezes, porque... Sei lá. Eu não quero... Usar... Essa roupa... Porque não quero que as pessoas mexam na rua né. Eu não quero usar saia hoje, porque não querem que levantem a minha saia... No meio do balaústre né. E... E às vezes você vai se perguntando tudo isso né às vezes eu não quero usar um black, porque a galera vai falar dele né. **(mvi_9342) 4'-4'50" Kayla.**

Aí... Fui convivendo com o NEAB, fui estudando um pouco mais, compreendendo... O que... O que estava por trás da gente aceitar nosso cabelo do jeito que ele é, qual que era a questão política por trás disso tudo e comecei a usar meu cabelo... Naturalmente. Passou pelo processo de transição né que é aquele processo assim que seu cabelo você acorda com ele assim... De mau humor, porque ele não tá na textura que você... Gosta ou você acha normal dele assim e depois vem essa coisa assim deliciosa de pegar de... De tocar assim que é... O que é seu mesmo o que é natural mesmo. **5'23" – 6'03" (mvi_7757) Juliana costa**

Eu passei dez anos com meu cabelo alisado de alisante, meu cabelo caiu, sabe. Meu cabelo já ficou muito queimado da química, e ai depois de um tempo eu comecei a me entender, me enxergar enquanto mulher negra, ai a partir dos dezesseis, dezessete anos eu comecei a deixar os meus cabelos naturais, voltar né, a trança. O pessoal falava: ah sua raiz ta cheia! Porque que você dá um alisante só na raiz pra ele ficar melhor. **5'43" – 8'(mvi_8487) Paula Regina.**

Porque a gente sabe que o processo químico é um processo muito invasivo, é doloroso, você gasta horas lá no salão e alisando o cabelo, mas se isso pra mulher não é um incômodo, ela se sente bem com isso, eu acho que não tem problema nenhum. Acho que ela tem que andar do jeito que ela quer e que ela gosta e... E isso não é uma forma eu acredito que não é uma forma nenhuma de negar a negritude dela até porque tá na cara que a pessoa é negra ou não é né. **(mvi_8872) 3'48" – 4'19" Ana Paula.**

Quando utilizei assim pra... Primeira vez que v... Adotei esse... O... O cabelo assim as pessoas es... Estranharam o... Me estranharam acharam que eu tinha ficado louca até loucura eles colocam na gente quando a gente adota o que... O que é nosso. A minha mãe estranhou também demais da conta falou que era feio. Agora minha irmãzinha de quinze anos ela tá adotando o cabelo... Black também que tá gostando e ela achou feio também na época quando apareci com o cabelo... Black. A minha irmã gêmea ela agora também... Utiliza o cabelo black, mas antes ela achava feio também. Então vai assim a gente vai... Vai convivendo vai tendo a... As referências e vai... Vai... Se construindo também a sua própria estética negra né. **(mvi_9181) 32"- 2'20" Juliana Costa.**

E assim depois que ela cortou, muitas pessoas chegam pra mim assim ai eu preferia você assim. A você vai fazer o que pra soltar os cachos? A vai fazer o que? Eu falo não, não vou fazer nada. Eu tô muito bem assim. Eu gosto do meu cabelo desse jeito. Eu me sinto tranquila com meu cabelo assim, né. Leve! Desimpedida, eu faço o que eu quiser. É como se eu tivesse realmente me descoberto agora né. Me descoberto no auge da minha carreira, no auge da minha vida! **5'43" – 8'(mvi_8487) Marianna.**

Não, ôxe! É questão de autoafirmação. Gente eu fiquei na ditadura do permanente. Dois mil e sete, dois mil e oito, dois mil e nove, dois mil e dez, dois mil e onze, dois mil e doze. Sete anos da minha vida me achando horrível. Nem me olhava no espelho se não fosse permanente. E agora eu sou linda e poderosa, cara. **7'29" – 8'30" (mvi_7757) Monique.**

É é difícil as pessoas algumas vão rir mesmo, outras não vão entender... Mas o caminho é esse e não sou obrigada a ter um cabelo que... Me faz gastar dinheiro, me faz gastar

um tempo que não tenho sendo que tenho o meu que hoje acho que é... Acho não ele é lindo assim né eu gosto, eu prefiro ele assim que eu acho que hoje eu sou... Meu... Exterior assim parece mais com o interior assim sabe? Que sou eu mesma. **(mvi_9664) 7'25"-7'50" Marina Gabriela.**

Tipo assim fiquei sete anos usando química. Então foram sete anos me olhando no espelho me sentindo outra pessoa no dia que eu... Cheguei em casa que eu me olhei no espelho assim e vi a trança... Primeiro momento foi um susto, porque eu não me reconheci e... Chorei bastante também aí fui... Foi bom assim porque eu fui me... Me aceitando eu via pessoas sofrendo racismo, mas eu não me... Me incomodava com aquilo, porque... Eu... Não sentia que aquilo de certa forma poderia me afetar. Aí agora eu já consigo... Ver melhor assim e já vejo o... O racismo mais de perto que ele tá bem assim a gente uma coisa que... Que acontece todos os dias o tempo todo. **(mvi_9133) 4'35 – 5'56" Juliana Rosa.**

Semana passada mesmo eu entrei numa loja americanas aqui. E aí fui pegar o shampoo né pra cuidar do cabelo, e aí quando eu chego no caminho, um segurança cola atrás de mim como se eu fosse assaltar a loja. E aí eu claro muito empoderada, pergunto pra ele: porque que o senhor tá atrás de mim? Ele falou: não, só tô cumprindo minhas obrigações de segurança. Falei não você tá sendo racista. Ele disse não jamais. Olha minha cor. E ele realmente era uma pessoa de tom escuro né. Ele era negro. E aí ele... Mas ele também é vítima da opressão, né. Do racismo. **7'29" – 8'30" (mvi_8455) Paula Regina**

Que hoje eu falo. Vocês tem que se perceber. Que hoje as coisas afloram com mais facilidade. Antes eu acho que tinha um racismo. Mas não era com tanta repercussão como é hoje. Porque hoje as pessoas tem mais conhecimento, tem ferramentas na mão pra entender que as pessoas tão tendo racismo, existe a questão do preconceito e o racismo referente ao nosso cabelo e a nossa cor. É muito esclarecido. **28" – 1'(mvi_8480) Geruza Mennezes.**

A gente se reconhecer quanto o que somos independente do que a sociedade impõe como padrão ou não padrão é... É muito relevante... Hoje, porque... É muito fácil né um... Um... Uma parcela né que domina a sociedade brasileira definir que... A sua cultura, o seu cabelo, seu modo de falar é algo... Demoníaco sem conhecer a fundo o que é isso então a gente é testemunha do que a gente vive a gente é testemunha... Da nossa itegidade (identidade) então a gente tem que se aceitar a gente... Tem que se descobrir não tem que viver... Bra... Se encajar (encaixar) em padrão algum a gente tem que viver pra gente se conhecendo e se amando do jeito que é e saber o... O... O... O... O porquê... Somos assim por exemplo somos negras... Qual que foi... Foi... Por que somos negras e hoje estamos na sociedade brasileira enquanto negras que veio antes de nós a nossa ancestralidade. Como que que que é... Como que ela foi formada? Como que ela influencia hoje a gente? Então a gente sabe que aq... Aquelas pessoas que foram trazidas da... Da África e foram escravizadas aqui no brasil são... Os nossos ancestrais aqui. Então o que que a gente deve a eles? O esquecimento? Não. A gente... Deve o o o o o... O regresso a nossa própria cultura que foi silenciada pela... Pela história. **(mvi_9181) 9'10"- 11' Juliana Costa.**

A gente pode... Expressar a nossa religião sim, vendo que a gente pode... Expressar... Nossos cabelos, a gente pode... É... Expressar nossa cor... Expressar nossa mulheridade, expressar... O que nós somos né. Eu acho que... Que aí a gente dá o exemplo né. E aí que a gente vai... Tá falando pras nossas criancinhas ali né... Pras meninas expressem... Também o que vocês são né. É pros meninos também expressem o que vocês são e... E eu acho que... Tá sendo muito importância... O que... O que eu tô vendo né de... Dessa galera começando a a se entender, começando a se aceitar né. Que aí é começar a dar o exemplo também... **(mvi_9342) 5'19"- 6' Kayla.**

Então eu não tenho que imitar o perfil do europeu pra eu dizer que sou bonita, ou mostrar minha beleza. A minha beleza é a beleza africana, é a minha beleza afro-descendente. Então, é importante isso. Que a gente comece a ensinar nossas meninas desde pequeninhas. Dizer pra ela que o cabelo dela é bom, que o cabelo dela é bonito, né. Essa coisa de dizer: ah cabelo ruim! Não! Eu não tenho cabelo ruim. O meu cabelo é crespo! **3'38" – 4'39" (mvi_7697) Creuza.**

Então, e hoje quando eu vejo as minhas filhas. Eu sou mãe de três filhas, e todas três usam trança ou black. Todas três usam turbante. Eu vejo quanto esse avanço, né. No entendimento, no empoderamento, né, da questão da etnia. Por completo, da cabeça aos pés.. É importante pra elevar a autoestima. Apesar de eu não fazer parte do público que acha que negro e negra tem que andar de black, tem que andar de trança e que não possa alisar o cabelo. O que eu louvo hoje é a liberdade da gente poder usar nosso cabelo como a gente quer. Né. Agora é lógico que a gente assumindo as nossas características naturais, a gente mostra pra sociedade, que apesar do racismo, a gente não está nem aí. A gente se aceita, se entende como um ser belo, né. E se aceita nas diferenças. 2'26" – 3'33" (mvi_7769) Altamira.

Fade Out

Fade in

Gritaram-me Negra! – Segunda Parte.

Fade Out

Créditos (fade in/out) (15")

Fade in

Making of Creuza

Fade Out

FIM